

Mulheres Negras:

fortalezas tecidas de dores,
resistências e afetos

Organizadoras:

Piedade Lino Videira
Norma-Iracema de Barros Ferreira
Kátia de Nazaré Santos Fonsêca



Mulheres Negras:

fortalezas tecidas de dores,
resistências e afetos

Organizadoras:

Piedade Lino Videira
Norma-Iracema de Barros Ferreira
Kátia de Nazaré Santos Fonsêca

Copyright © 2019, organizadoras

Reitor: Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira
Vice-Reitora: Profa. Dra. Simone de Almeida Delphim Leal
Pró-Reitor de Administração: Ms. Seloniel Barroso dos Reis
Pró-Reitora de Planejamento: Ms. Luciana Santos Ayres da Silva
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Esp. Cleidiane Facundes Monteiro Nascimento
Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Profa. Dra. Elda Gomes Araújo
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Profa. Dra. Amanda Alves Fecury
Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Dr. João Batista Gomes de Oliveira
Pró-Reitor de Cooperações e Relações Interinstitucionais: Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá
Madson Ralide Fonseca Gomes

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá
Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Madson Ralide Fonseca Gomes (Presidente), Ana Paula Cinta, Artemis Socorro do Nascimento Rodrigues, César Augusto Mathias de Alencar, Claudia Maria do Socorro Cruz F. Chelala, Daize Fernanda Wagner Silva, Elinaldo da Conceição dos Santos, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Jacks de Mello Andrade Junior, Jose Walter Cárdenas Sotil, Luís Henrique Rambo, Marcus André de Souza Cardoso da Silva, Patrícia Helena Turola Takamatsu, Patrícia Rocha Chaves, Robson Antônio Tavares Costa, Rosilene de Oliveira Furtado, Simone de Almeida Delphim Leal, Simone Dias Ferreira e Tiago Luedy Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada pelo Bibliotecário Mário das Graças Carvalho Lima Júnior - CRB - 2/1451

M956m

Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos / organizadoras Piedade Lino Videira, Norma-Iracema de Barros Ferreira, Kátia de Nazaré Santos Fonsêca. – Macapá: UNIFAP, 2019.
144 p.: il.

ISBN: 978-85-5476-091-5

1. Negras – Identidade racial – Amapá. 2. Raça negra - Integração. 3. Poesia. I. Videira, Piedade Lino, organizadora. II. Ferreira, Norma-Iracema de, organizadora. III. Fonsêca, Kátia de Nazaré Santos, organizadora. IV. Universidade Federal do Amapá. V. Título.

CDD: 305.89608116

Design de Capa e Editoração Gráfica: Klewerson Régys da S. Rodrigues **Ilustrações:** Afrane F. Távora
Revisão Gramatical/Técnica (Língua Portuguesa/ABNT): Norma-Iracema de B. Ferreira e Kátia de Nazaré S. Fonsêca



Editora da Universidade Federal do Amapá
www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419

Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

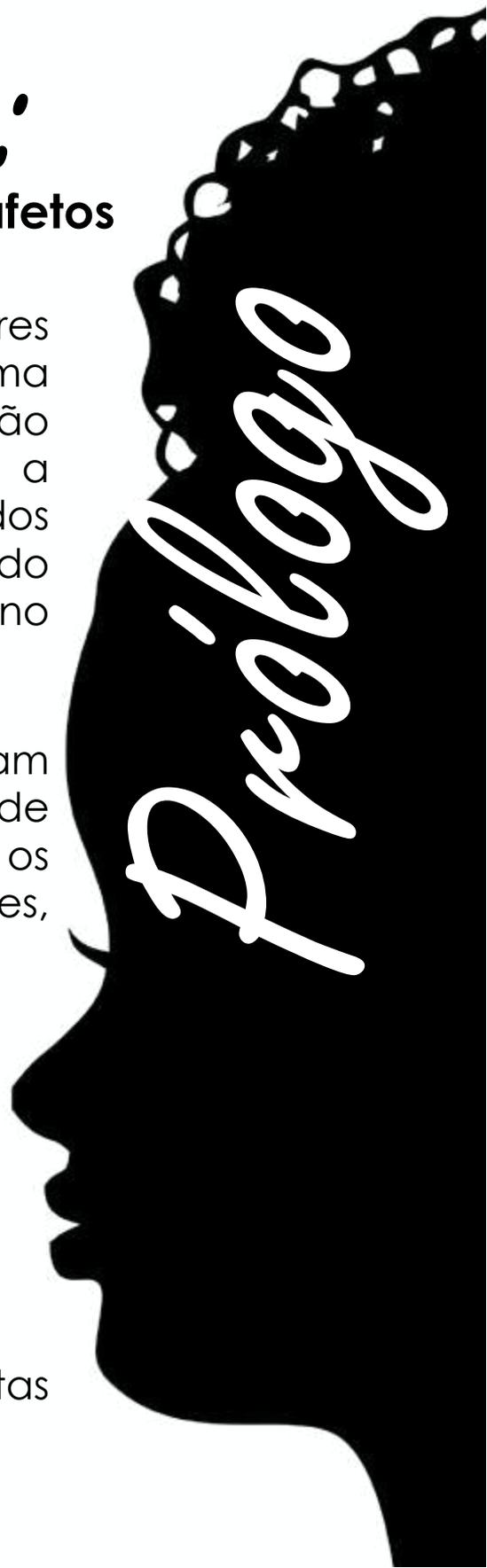
Mulheres Negras:

fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos

Revisitar sua história pessoal e nela identificar mulheres negras que atravessaram sua existência e, de alguma forma, lhe deixaram marcas. Essa foi a provocação colocada pela Profa. Dra. Pidade Lino Videira a alunos/as do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR), quando da realização da disciplina Teoria e Prática do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira.

O desafio foi aceito e os/as estudantes desenvolveram um trabalho de pesquisa. O resultado constou de emocionantes relatos reunidos nesta publicação, os quais nos revelam mulheres negras tecidas de dores, afetos, resistência e cuidado.

As narrativas apresentam com leveza e poesia as trajetórias de Mulheres Negras, com protagonismo em várias facetas: na resistência contra a escravização do povo negro no Brasil Colonial; educadoras com influência na formação acadêmica de uma geração de educadores; e mulheres simples, que tecem, no cotidiano, estratégias de superação das violências impostas pelo racismo e o sexismo.



Nesse contexto de narrativas, destaca-se um conjunto de relatos, cujo foco são as relações de afeto e cuidado tecidas no seio da convivência familiar. As mulheres, geralmente as mães e as avós, são apresentadas como generosas, amorosas e cuidantes. São organizadoras dos afetos, sempre preocupadas com a manutenção dos vínculos familiares e comunitários e, por isso, tão preocupadas com a preservação dos saberes e das práticas culturais.

Trazendo à luz os fazeres de “mulheres simples,” os textos revelam o lugar desempenhado por elas na organização das festas populares tradicionais. Destaquemos o Marabaixo e a manutenção dos conhecimentos tradicionais sobre as ervas medicinais e seus poderes curativos.

De fato, visibilizar a trajetória de vidas de Mulheres Negras é uma tarefa carregada de sentidos, não somente no campo acadêmico, mas sobretudo, no âmbito político. Isto porque, para além da narrativa dos percursos de existência, essa tarefa possibilita revelar identidades coletivas, não raro, envoltas em um processo de invisibilização.

A iniciativa reverte-se de significado especial por envolver educadores(as), cuja ação pedagógica é primordial para o enfrentamento do racismo e do sexismo. Isso à medida que a superação dessas opressões históricas relaciona-se diretamente ao reconhecimento do papel desempenhado por essas mulheres, na construção da sociedade.

Considera-se que a Escola é *locus* privilegiado de socialização, formulação de conceitos, difusão de valores e, portanto, espaço de

construção de relações. Reside aí o seu papel e, em particular, o papel de educadores/as, que podem contribuir para o fortalecimento de uma pedagogia relacional antirracista, respeitosa, tolerante e afetiva.

Assim sendo, é preciso investir na formação de educadores/as comprometidos/as com a superação de históricas injustiças cognitivas e práticas pedagógicas discriminatórias. Tais fatos ainda são responsáveis pela reprodução de uma visão eurocêntrica do Mundo, promovendo epistemicídio e negando, assim, a contribuição dos povos negro e indígenas, à formação da sociedade brasileira.

Que essa publicação possa inspirar ações no campo pedagógico e político que contribuam para a superação das desigualdades de gênero e raça que, ainda hoje, impõem às Mulheres Negras a violação sistemática de seus direitos. E, assim, possa revelar a contribuição dessas *yalodês tucujus* para a formação da sociedade amapaense, bem como para inspirar as meninas e jovens negras para o despertar da consciência e fortalecimento do feminismo negro no Amapá.

Macapá/AP, fev. 2019.

Alzira Noqueira da Silva

Feminista Negra e Assistente Social
Funcionária do Ministério Público do Estado do Amapá
Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UNIFAP)



Sumário

Prefácio - <i>Joselina da Silva</i>	10
Apresentação - <i>Piedade Lino Videira</i>	21

Capítulo I - Mulheres Negras: personas que inspiram criações, em forma de poesia e rimas

Anjo negro - <i>Izete Amoras de Almeida</i>	30
Negra bonita - <i>Mariléia Amoras Tolosa</i>	32
Minha avó - <i>Mariléia Amoras Tolosa</i>	33
Josefa, mulher guerreira - <i>Mariléia Amoras Tolosa</i>	34
Negras, lindas, educadas! - <i>Cléia Socorro Pantoja dos Santos</i>	35
As três mulheres negras que contribuíram em minha vida - <i>Sandro Morais Freitas</i>	37
A negra cor de ameixa - <i>Iradileide Ferreira da Silva</i>	40

Capítulo II - Mulheres Negras: símbolos de resistência e (re)existência – celebremo-lhes em vida ou *in memoriam*

As três Marias - <i>Francisca de Jesus Maciel da Silva</i>	44
As 3 negras da minha vida - <i>Marilu Tavares da Matta</i>	46
Pérolas negras (in)visíveis - <i>Sônia Maria Fontes Tavares</i>	52
Mulheres de fibra - <i>José Costa Cordeiro</i>	54

Mulheres guerreiras - <i>Maria Izabel Serrão Pinto dos Santos</i>	56
Negritude tenaz - <i>Sueli das Graças Pantoja</i>	58
Mulheres-símbolo das Ciências, das Artes e da Fé <i>Waldemir de Jesus Silva</i>	61
Avó, Mãe e Professora: três referências de mulher <i>Marciliane Lobato Sucupira</i>	63
Negras eternas de minha infância - <i>Rosiane de Sena Cumarú</i>	67
Histórias de Amor - <i>Valcirene Pinheiro de Queiroz</i>	69
Crenças e Cultura afro-brasileira - <i>Maria do Carmo da Costa e Silva</i>	72
Minha própria história - <i>Maria Lurdimar Pinheiro Campos</i>	74
Inclusão social da mulher negra: Professora Piedade, eu mesma e minha filha Gabrielly - <i>Waldilene de Jesus Silva</i>	77
Negras do Batuque e do Marabaixo - <i>Valdenira Batista dos Santos</i>	79
Meus exemplos de vida, na Família e na Escola <i>Raimunda do Socorro de Souza</i>	81
Três grandes mulheres negras de Mazagão - <i>Adecléia do Espírito Santo Castro</i>	83
As grandes mulheres negras da História do Brasil <i>Telma Rute Franklin da Silva</i>	85
Meus 3 emblemas de mulher: a parteira, a mãe-solteira e a professora - <i>Rômulo Antônio Moraes</i>	90
Mulheres-símbolo, que não fogem à luta nem a suas raízes <i>José Ely Viana Monteiro</i>	92
Mulheres homônimas e sinônimos de saudade e de obtusação - <i>Uerlen Alves Marques</i>	94
Mulheres negras em busca por um lugar ao Sol <i>Sirlene Serrão Barros</i>	96
Simplesmente Júlia... - <i>Joana Pessoa Soares</i>	99

Venina Senhora Menina - <i>Joana Pessoa Soares</i>	100
Doralina, Pura Melanina - <i>Joana Pessoa Soares</i>	101

Capítulo III - Mulheres Negras: únicas, plurais e irretocavelmente Negras

Izabel Maria Lino do Espírito Santo.....	105
Delcirene Videira.....	107
Madalena da Silva Souza.....	109
Joaquina Araújo.....	113
Nelma Nunes da Silva.....	115
Laura Cristina da Silva.....	117
Mery Lúcia da Costa Amaral.....	121
Baiana do Acarajé.....	123
Tia Rossilda Joaquina.....	125
Maria Cristina do Rosário Almeida.....	127
Eu não fumo só” (por Maria da Conceição Lino Videira)...	131
Sobre a equipe de produção da obra.....	136

Prefácio



A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é apenas simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar mais profundo e mais íntimo. (HOOKS, 2013, p. 25).¹

É deste lugar, de uma “educação transgressora,” nos termos em que nos fala a autora da epígrafe, que surge esta obra, a qual tenho a honra de prefaciá-la. bell hooks - inspirada em Paulo Freire – nos apresenta um fazer educacional que se pauta na insurgência e negação de um ensino canonicocentrado. A autora, cujo nome se escreve com letra minúscula – insta-nos a uma educação como um “ato contrahegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista,” nos próprios termos de Hooks (2013, p. 10). Reflitamos sobre essa mesma ótica.

Ao seguir nesta linha de provocação analítica, vê-se que aprender é, portanto, um ato de rebeldia, que pode e deve ser complementado - pelo estímulo advindo de professores insurgentes – com a ação da escrita. É tal semente que planta este livro organizado pela professora Piedade Videira, em consórcio com as também professoras Norma Iracema e Kátia Fonsêca – mulheres aliadas à assistente social e feminista negra Alzira Nogueira da Silva, que a partir de uma formação que se propõe a incentivar novas metodologias educativas, brindou-nos com brilhante e tocante prólogo.

A profa. Piedade Videira, na Apresentação desta obra, muito gentilmente me aponta como inspiradora referencial deste trabalho. O que não era de seu conhecimento é que ao fazer tal alusão à atividade que

¹HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

realizamos em Fortaleza, em 2016,² esta inseria-se numa roda, cujo movimento circular teve seu impulso inaugural nos primeiros anos da década de 90, no Rio de Janeiro.

Naquela ocasião, eu atuava como ativista na ONG Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP), que dentre seus múltiplos objetivos, visava contribuir com as lutas pelos direitos da comunidade negra e contra o racismo. Tive a grata oportunidade de participar de uma “Oficina de poesia,” coordenada pelo histórico militante e poeta do movimento negro, Deley de Acari. Com seu didatismo e larga experiência na produção de textos poéticos, ele nos convencia a todos/as que o fazer poético não se traduz num destino direcionado a poucos/as “iluminados/as.” Segundo nos dizia, origina-se de um processo que pode ser aprendido e, como tal, estimulado e concretizado. A metodologia adotada por Deley de Acari nos encaminhava a entender o movimento de cada passo da “oficina.” Desta forma, nos predispunha a realizá-la nos mais variados ambientes, ao final daquela primeira experiência.

Tornei-me tão positivamente inspirada que passei a fazer o que denominei de “Oficina de construção da palavra.” Iniciamos com encontros mensais - na própria sede do CEAP, Lapa Rio de Janeiro - o projeto que intitulamos “Mulher negra faz poesia.” Das aquelas oportunidades, tenho memória de um dos encontros de que partilhava uma professora mestra e grande referência no âmbito de Educação antirracista, Maria José Lopes da Silva. Ao seu lado tínhamos Amaralina - com apenas doze anos - que assim escreveu: A coragem que eu tenho/ custou de sair/ mas saiu com muita preguiça/ mas saiu, até que enfim. (SIM da vida, 1993, p. 3).³

²Realizamos uma oficina intitulada Produção Literária e a Mulher Negra durante a VI Edição do evento acadêmico: Memórias de Baobá, Estéticas Negras: trançando educação e produção didática, idealizado pelo Núcleo de Africanidades Cearenses sob a coordenação geral da Profa. Dra. Sandra Haideé Petit (UFC).

³SIM da vida. **Boletim Especial da CEAP**, Rio de Janeiro, out. 1993.

Compartilhava da mesma experiência, Dona Ruth Gomes da Silva - a Tia Ruth Quilombo - então com sessenta e cinco anos. Ela afirmava ter dificuldades para usar a caneta, porque de há muito não escrevia. No entanto, ao final daquele encontro nos presenteou com o seguinte poema (SIM da vida, 1993, p. 2):

Emancipação da Mulher

*Antigamente a mulher não podia optar.
Ela não tinha direito por ser escrava do lar.
Não sabia se conduzir, por isso corria perigo,
Pois só contava com o marido.*

*Escrava da sociedade, sem saber se defender.
Nem mesmo o próprio marido, ela podia escolher.
Custou muito, mas um dia conseguiu se libertar -
Se revoltou e encontrou o mundo fora do lar.*

*Jogou tudo para o alto e conseguiu se livrar.
Discute política, guerra e até ingressou
na carreira militar; outrora entregava a cabeça
para seu marido e seus pais.*

*São coisas que hoje não se usa mais.
Perante a sociedade os direitos são iguais.
Hoje sabe o que quer, faz seu direito valer -
joga bola, luta box, judô e até caratê.*

*Ela hoje faz de tudo na vida para se defender.
Arrebentaram-se os grilhões.
Faz da vida o que quer -
Damos viva à liberdade, à emancipação da mulher.*

Assim é o processo criativo ficcional, ou seja, é igual para todas as pessoas, desde que sejam expostas a ele. Por conseguinte, não há obstáculos em posicionar acadêmicas, domésticas e crianças, em situação de igualdade. Basta que oportunizemos. É portanto, “ a educação, como prática de liberdade,” sobre a qual nos fala Hooks (2013).

A roda movimentada pela Professora Piedade Lino Videira, em Macapá - que se iniciou em Fortaleza, segundo ela - teve ainda um outro ponto de impulso em seu giro. Deu-se quando fui convidada pela Professora Cícera Nunes (da Universidade Regional do Cariri, no Crato/CE), para proferir a palestra intitulada “O protagonismo das mulheres negras,” durante o Artefatos da Cultura Negra no Ceará (2016). Contemporizei sobre o que deveria falar. Eu havia acabado de regressar ao Rio de Janeiro, após nove anos de atuação docente, na região do Cariri cearense, onde se daria o evento. Ainda não dispunha de novas reflexões para apresentar ao público presente.

O encontro era de uma semana. Em razão de compromissos anteriormente estabelecidos, eu chegaria apenas nos três últimos dias. Via *WhatsApp*, solicitei a cinco amigas/os lá presentes – professores ou estudantes - que cada um/a entrevistasse cinco mulheres negras. Desejávamos que cada interpelada citasse três outras que haviam sido marcantes em suas trajetórias de vida e fizessem uma breve referência sobre suas escolhidas. Ao final, recebi um número significativo de nomes e histórias de afrobrasileiras.

A apresentação das experiências e depoimentos colhidos nos permitiu presenciar um momento de homenagens e emoção, percorrendo o auditório repleto de estudantes, ativistas, professores e convidados. Soubemos, então, a partir da análise das respostas, que as ativistas da região têm um mútuo respeito. Depois das muitas mães e avós

relacionadas, as companheiras indicavam umas às outras. Note-se que em função da metodologia, as repostas eram desconhecidas. Foram reveladas apenas durante a palestra.⁴

Um outro ponto de impulso desta roda poética e criativa teve lugar durante o *Third Bienal Consultation of African and African Diasporan women in Religion and Theology*,⁵ entre 10 e 15 de julho de 2016, em Atlanta, nos Estados Unidos. Ali, havia uma atividade denominada *Say her name* [Diga o nome dela], onde mulheres negras de diferentes partes do Mundo eram nomeadas – ao início de cada atividade – e todas repetíamos em uníssono, o nome apresentado. Era uma experiência vibrante e empoderadora: poder ouvir e sentir o nome de cada uma de nós e de outras não presentes (vivas ou não).

Ao chegar a Fortaleza, em outubro de 2016 - para a atividade aludida pela Profa. Piedade Videria, na Apresentação deste livro - a rica experiência vivida em Atlanta fervilhava em meus sentimentos. Sentia-me totalmente compelida a compartilhar com amigas e pares acadêmicos o que havia vivido na então recente viagem. A partir dali dei início a uma atitude inspirada no *Say her name*, ou seja, sempre que convidada para uma palestra, principio com os *slides* nos quais são apresentadas três mulheres negras marcantes para comunidade negra, em algum lugar do planeta. Considero imprescindível disseminar a cultura da visibilização das que nos precederam ou são nossas contemporâneas.

Assim, Rio de Janeiro, Atlanta, Cariri cearense, Fortaleza e Macapá, em diferentes momentos sócio-históricos, são protagonizados por mulheres

⁴Esta atividade só foi possível, graças à participação como entrevistadoras ou entrevistadas às seguintes pessoas, às quais eu torno público meu agradecimento: Ivan da Costa Lima; Piedade Lino Videira; Ana Cristina Santos; Zuleide Queiroz; Ana Verônica B. Isidoro; Rosely dos Santos; Veronica Neuma das N. Carvalho; Maria Aparecida de Oliveira; Maria Saraiva; Simone Euclides; Valéria Jessina das N. Carvalho; Maria Auxiliadora Evarista; e Eliane de Lima.

⁵Terceira Consulta Bianual em Religião e Teologia de Mulheres Africanas e Africanas Diaspóricas.

negras, as quais, valendo-se de oportunidades acadêmicas, ativistas e educacionais; constroem - às vezes sem o saber - pontos de impulso nestas rodas de histórias expressas por seus nomes, seus escritos e suas memórias. Trata-se, portanto, de uma *novidosa História*, com vozes negras em múltiplas sonoridades. Neste caminhar, estou segura de que outros giros acontecerão e contarão com a Profa. Piedade como referencial operadora desta roda criativa.

Bell, num olhar para seus anos estudantis iniciais, fala de uma educação segregada, nos Estados Unidos, onde alunos brancos e negros estudavam em escolas separadas. Nos ambientes negros, o objetivo era ensinar às crianças afroamericanas o prazer de aprender e de se “reinventar através de novas idéias.” (HOOKS, 2013, p. 11). Relata a autora que ao ser criada a escola para brancos e negros juntos (dessegregada), constantemente educadores brancos reafirmavam o ideário da inferioridade racial negra.

Viam-se, os alunos negros, não mais expostos a uma educação criativa e transformadora, onde professoras tinham a “*missão*” de “*nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros de cabeça feita.*” (HOOKS, 2013, p. 10). A Lei 10.639/03 - que ampara esta publicação - quando aplicada em sua completude e criatividade, pode produzir “negras/os e brancas/os de cabeça feita.” Referimo-nos a uma educação antirracista, em que informações sejam compartilhadas sem hierarquizações, numa sociedade que auguramos será racialmente igualitária.

A obra **Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos** é dividido em quatro capítulos. No primeiro deles, intitulado: *Mulheres Negras, personas que inspiram criações em forma de poesia e rimas*, quatro mulheres e um homem se incumbem, reiteradamente,

de evocar as criadoras da transformação, onde a categoria “guerreira” se faz tenazmente audível.

O segundo capítulo intitula-se: *Mulheres Negras: símbolo de resistência e (re)existência – celebremo-lhes em vida ou in memoriam*. Neste conjunto de saudações poéticas, no processo de re(existir), encontramos a *resiliência* como categoria que paira sobre cada um dos textos produzidos por dezessete mulheres e cinco homens. Trata-se do retrato de mulheres afrobrasileiras festejadas e reverenciadas, seja em sua trajetória de vida ou em seu legado.

Quanto ao terceiro e último capítulo, amplia-se o leque das *Mulheres Negras: únicas, plurais e irretocavelmente Negras*. Autores e autoras dão visibilidade ao protagonismo de Mulheres Negras, por meio de textos biográficos e autobiográficos, os quais revelam, sem enfeite ou brilho falso, a força social, racial e política de mulheres plurais, ativas e altivas, que têm causado impacto à realidade social e gerado transformações estruturais, bem como de pensamento, atitude e comportamento que são basilares para que se efetive a prática do respeito mútuo entre os “diferentes,” no Estado do Amapá.

A vereda aberta nesta produção pode ser trilhado por jovens pesquisadores/as no sentido de ampliar as informações sobre as simbólicas histórias das Mulheres Negras ora manifestas. Ficamos a imaginar quantas memórias coletivas estas senhoras têm insertadas em suas peles, e quanto podem contribuir como espelho a ser mirado por diversas gerações.

Dentre as seis mãos organizadoras do livro, registram-se as empoderadamente negras de Piedade Videira as quais tecem no âmbito

acadêmico. Outrossim, não se olvidar daquelas mãos de Alzira Nogueira, autora do Prólogo, que o fazem no ambiente do ativismo das feministas negras. Ambas criam, na escrita, uma espécie de “Pano Kente dos Ashanti,”⁶, em sua versão brasileira da Região Norte. É a arte que agasalha mudanças e revoluções trazidas por estas duas mulheres afrobrasileiras. Neste sentido, a presente obra nos faz refletir sobre referências categóricas em seu conteúdo: *dores, resistências e afetos*. Palavras que rimam (embora com diferentes sufixos) com *fortaleza*, presentes no título do livro. Portanto, podem e devem ser poderosas ferramentas na luta contra o racismo e o sexismo, sempre em consórcio com adesão solidária de simpatizantes da causa, como é o exemplo das outras organizadoras - Kátia Fonseca e Norma-Iracema.

Assim sendo, desejo-lhes uma deliciosa leitura e aprendizado, pelas vozes das Mulheres Negras contempladas nos textos aqui apresentados.

Rio de Janeiro, mar. 2019.

Joselina da Silva

Dra. em Ciências Sociais/UERJ
Professora Associado/UFRRJ

⁶Maiores informações sobre o Pano Kente... acesse: <https://www.geledes.org.br/kente-os-tecidos-dos-reis-africanos>.



A black silhouette of a woman's head in profile, facing right. The silhouette is filled with the word "Apresentação" written in a white, cursive script. The top of the head is detailed with a lace-like pattern, and the bottom shows a few strands of hair.

Apresentação

Caríssimas/os professoras/es, para o deleite de vocês, “gentes que buscam temperar a educação,” dedicamos essa obra que deixa evidente uma possibilidade concreta de promover o debate racial em sala de aula, à luz das africanidades afro-amapaenses.

A inspiração para este livro adveio do estímulo da Profa. Dra. Joselina da Silva, no ano de 2016, por ocasião da realização da VI edição do evento acadêmico intitulado: *Memórias de Baobá, Estéticas Negras: trançando educação e produção didática*, idealizado pelo Núcleo de Africanidades Cearenses, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Sandra Haideé Petit, realizado no Passeio Público de Fortaleza e nas dependências da Faculdade de Educação/FACED-UFC. Na época tive a oportunidade de participar do “Chão redondo,” ministrado pela citada professora. O objetivo era dar visibilidade às Mulheres Negras e também reconhecer suas inúmeras contribuições na luta recorrente protagonizada pelos movimentos e organizações sociais negros, em prol do enfrentamento ao racismo e a todas as formas de desigualdades raciais e de gênero imputadas, preferencialmente, às Mulheres Negras brasileiras.

A Profa. Joselina, de maneira didática, acessível e elucidativa, buscou enfatizar as identidades de Mulheres Negras que agem e sempre agiram de maneira proativa individual e coletiva, como marco e evidência de seu protagonismo/estratégico, resistência, empoderamento e articulação política bem-sucedidos, em defesa e garantia de direitos do Povo Negro. Além disso, deixou evidente que, por meio da discussão aludida pelas categorias gênero e raça, é possível promover a implementação da Lei 10.639/2003 – ampliada pela Lei 11.645/2008, a qual alterou o Art. 1º da Lei

9.394/1996 –, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que passou a vigorar acrescida dos Art. 26-A, 79-A e 79-B.

A despeito do texto da Lei predita, a profa Joselina, com a realização do “Chão redondo,” intitulado **O protagonismo de Mulheres Negras brasileiras**, deixou evidente aos professores como poderiam abordar a temática racial com o recorte de gênero e raça no cotidiano escolar. Inicialmente, ela solicitou a nós, participantes do minicurso, que listássemos três mulheres negras especiais e marcantes em nossas vidas, as quais deveriam ser, preferencialmente, do nosso convívio diário e/ou que tivessem nos inspirado e/ou nos fossem especiais. Assim o fizemos, e depois a professora solicitou que cada pessoa apresentasse suas homenageadas. O momento de apresentação da breve biografia das Mulheres Negras que escolhemos foi marcado por forte emoção, choro, saudade e despertar de uma possibilidade concreta, desprovida de qualquer investimento financeiro. Ao mesmo tempo, era acessível e exequível, para abordar a temática racial com recorte de gênero nas escolas.

Após a conclusão do minicurso, saí motivada a incorporar a referida atividade ao rol de procedimentos didático-metodológicos diversificados que venho colocando em prática nas turmas em que ministro aula, no Curso de Pedagogia da UNIFAP – Campus Marco Zero do Equador, quais sejam: Teoria e Prática do Ensino de Artes; Seminário de Pesquisa I, II, III e IV. Da mesma forma, no Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR), quando ministrei a disciplina Teoria e Prática do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira.

Considero o PARFOR um Programa de formação continuada estratégico para a abordagem da temática racial. Normalmente, é difícil conseguirmos ao mesmo tempo, em uma única turma, dialogar com professores/as que atuam nas escolas espalhadas pelo conjunto dos dezesseis municípios que compõem o mapa geográfico, cultural e social do estado do Amapá e, o PARFOR, esse movimento abrangente por uma educação na perspectiva antirracista, pode ser frutífero. Lamentavelmente, em todas as turmas do Parfor que tive a oportunidade de ministrar a disciplina Teoria e Prática do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, quase na sua totalidade, os professores-cursistas disseram-me desconhecer as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Essa revelação causou-me grande preocupação, por se tratar de leis relevantes, que alteraram a LDB e estão em vigor no Brasil desde 2003 e 2008, respectivamente. Mesmo assim, em alguns municípios e na capital Macapá, um número expressivo de docentes das redes pública e privada menciona “ter ouvido falar por alto” a respeito das Leis em tela e afirma não saber como colocá-las em prática no currículo escolar.

Por certo, esta é uma exceção, já que felizmente os/as profissionais da educação brasileira podem contar com robusto aporte de material teórico-metodológico, didático e paradidático, de autoria de pesquisadores/as negros/as e não negros/as sobre a temática racial. Trata-se de textos produzidos sobre a legislação contra o racismo, os quais sinalizam caminhos de como abordar a referida temática no cotidiano escolar.

Diante do exposto, a partir desse contato em sala de aula e ainda motivada pela experiência didática que eu tivera acesso no minicurso ministrado pela Profa. Joselina, propus a mesma atividade à turma de Graduação em Pedagogia n. 13.370 – turma B/PARFOR, 2º semestre de 2016, com o diferencial ora retratado. Mencionei aos discentes que a “homenagem” que deveriam fazer para três Mulheres Negras que marcaram e/ou os influenciaram de alguma forma, poderia ser por meio de uma escrita poética, advinda do coração e embebida em sentimentos diversos que deveriam dar corpo à sua escrita livre, fluida e celebrativa a essas mulheres.

Assim, os integrantes da turma o fizeram, e no momento que nos organizamos em círculo cada qual começou a proferir e recitar palavras repletas de afeto sobre suas homenageadas. Partilhamos momentos especiais de comoção, choros, risos, olhos marejados, sentimentos revisitados de profunda reflexão e saudade aflorada por tamanha gratidão, bem como por homenagens póstumas e um diversificado transbordar de sentimentos revelados no semblante de daquelas pessoas, com vasta experiência como docente da rede de ensino do Estado do Amapá.

Logo, o momento de forte emoção fez aflorar também o entendimento crítico-reflexivo e “catártico” acerca do racismo à brasileira e suas consequências nefastas à população do nosso País – negros e não-negros, que cresceram ouvindo apenas a versão da História contada pela óptica do “colonizador/dominador.” Tal concepção triunfou à custa de negação, invisibilidade, distorções, estigmas, sofrimentos e jugo forçado impingidos aos “colonizados/

dominados,” com o propósito de apagar a presença e a relevância dos grupos étnicos, especialmente negros e indígenas, na produção das riquezas materiais, imateriais e culturais, que formam a pluriétnica e intercultural identidade nacional do Povo Brasileiro.

Aproveitei a oportunidade para ressaltar à turma que as leis antirracistas objetivam o contrário da única versão da História, à qual a maioria de nós teve acesso nos bancos escolares – aquela que glorificou os brancos/europeus. As Leis antirracistas visam corrigir a narrativa de fatos e momentos históricos que produzem e reproduzem distorções sobre a formação racial do Povo Brasileiro e, finalmente, colocar em condição de igualdade e relevância os povos indígenas, negros, brancos e asiáticos, ao longo da História do Brasil do passado e do presente. Vale enfatizar o papel insubstituível e estratégico que vêm desempenhando os profissionais que atuam na educação do nosso País e no Estado do Amapá. Face ao exposto, promovi um diálogo profícuo, reflexivo, crítico e elucidativo sobre as peculiaridades histórica e racial do Brasil, com o conjunto da turma.

Na ocasião, conseguimos fazer com que os professores-alunos “desenterrassem suas cabeças,” olhassem para o horizonte e percebessem que o Brasil é um país racista e controverso, o qual nega essa evidência do ponto de vista racial e sócio-histórico em relação aos seus ancestrais negros e indígenas. A nossa proposição foi fazer com que os presentes à aula pudessem ver um horizonte “desanuviado,” constituído de imagens positivas, sem distorções, estereotípias e caricaturas de nossos ancestrais e de nós mesmos, por meio da ruptura

do conteúdo ideológico eurocêntrico/brancocêntrico, que ainda reina na maioria dos currículos das escolas brasileiras.

Naquele momento a expressão de tristeza deu lugar à revolta dos professores-acadêmicos. Deram-se conta do quanto o racismo é perverso, obtuso, desagregador, e prejudicial para a constituição da identidade negra e valorização da História, patrimônio cultural/religioso, cotidianos, elevação da autoestima e fortalecimento de laços de irmandade entre negros/as e não-negros/as. Mas, para que houvesse uma mudança real no “Chão das escolas,” enfatizei que todos nós, profissionais da Educação precisamos, nos comprometer com a efetiva implementação da Lei 10.639/03 – ampliada pela Lei 11.645/08. Inclusive porque as referidas leis apenas endossam e visam garantir o direito que todos os seres humanos devem ter, o de conhecer a história de seus ancestrais, sem distorções e estereótipos.

Depreendo que dentre todos os aprendizados alcançados pela turma, um ficou em especial, de que a Lei 10.639/03 não será efetivada, sem a tomada de decisão dos professores. Isto sem excluir, contudo, as responsabilidades que recaem à gestão da política educacional no Brasil e no Amapá, às instituições educacionais, ao corpo técnico-pedagógico e aos familiares dos estudantes. Destarte, é inegável, todavia, que o professorado tem um papel relevante e insubstituível nesse processo. Mas, para tanto, precisa se comprometer a ser um agente de transformação, no que tange à democratização dos conteúdos escolares antirracistas, para que estudantes aprendam sobre a formação pluriétnica e intercultural do nosso País, sem as assimetrias recorrentes ainda hoje nos currículos escolares, ou seja,

aquela escrita sobre a égide e única versão da História construída e propagada pelo colonizador branco.

Acredito que, diante desse breve relato, você leitora e leitor dessas linhas de Apresentação desta coletânea, deva estar curiosa/o para se deixar sorver pelos textos que compõem a primeira edição da obra intitulada **Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos**.

Desejo, por fim, que todos tenham momentos especiais no deleite desta produção acadêmico-cultural.

Boa leitura!

Macapá, abr. 2019.

Piedade Lino Videira

Dra. em Educação Brasileira, Docente da UNIFAP
no Curso de Pedagogia e no Mestrado em Educação/PPGED



Mulheres Negras:

**personas
que inspiram
criações, em
forma de poesia
e rimas**

A black silhouette of a woman's head in profile, facing left. Her hair is styled in braids that cascade down the back of her head. The background is a solid yellow color.

Capítulo

Anjo negro

Conheci uma linda negra
Que viveu no Amapari.
E vou contar-lhe a história
Do que na juventude eu vivi
Dos momentos mais marcantes daquilo que não esqueci.

Deusa foi uma negra muito muito especial
E sempre foi muito amada por todo o pessoal.
Essa negra foi uma mulher, ousada e também guerreira,
Rompeu os costumes da sua época e se tornou mãe solteira.
Trabalhou em uma casa onde foi ótima cozinheira.

Deusa era uma mulher magra
De pequena estatura.
De grandes olhos altivos e amava rapadura.
No entanto, era audaciosa e tinha uma alma pura –
Em diversas ocasiões livrou-me de grandes surras.

Ocorre que meu avô era um velho a ir à Igreja todo instante.
Mas em algumas ocasiões era possível escapular.
O ruim disso tudo era o que sempre estava por vir
Uma coça de cinto de couro, era o que esperava por mim.

Minha amada amiga Deusa,
Sempre dava-me cobertura.
Eu sabia que sempre podia contar com aquela doce criatura.
Na esquina da escola dizia: Izete, não demora
Porque senão, com certeza, hoje o velho Cândido te esfola.

E assim eu ia e vinha
Sempre com o meu anjo a me proteger.
Hoje lembro-me com saudades. Para que tu foste morrer?
Mas no meu coração sempre haverá para ti um lugar.
Enquanto eu tiver vida, sempre de ti vou lembrar.

Izete Amoras de Almeida

Negra bonita

Tenho orgulho de sua raça.
Uma negra sorridente,
Que busca de seu povo
Sua verdadeira identidade.

Não tem medo do preconceito.
Sabe de sua capacidade,
Mostra para seu povo
Que todos têm dignidade.

Aqui quero dizer
À professora Piedade,
Que para mim é referência,
Mulher que luta pela igualdade.

Que Deus a proteja
Na sua jornada,
Fazendo você essa mulher
Que contagia com sua simplicidade.

Mariléia Amoras Tolosa

Minha avó

Minha avó Maria Isabel,
mais conhecida como dona Zazá,
a magia de encantar.

Foi professora sem diploma,
Mas que muito ensinou.
Alfabetizou muitas crianças
E todos reconheceram o seu valor.

Gostava de ensinar a ler e a escrever.
Meus primeiros passos na leitura
Tenho a ela agradecer,
Pois foi ela que me encaminhou
No mundo do saber.

Hoje só me restam saudades,
A quem sempre vou me recordar:
A minha 'vozinha, a quem eu amei
E sempre vou amar.

Mariléia Amoras Tolosa

Josefa, mulher guerreira

Josefa é nome dela.
Mulher que venceu as barreiras.
Não sabia ler,
Mas com muita humildade
Pedi a mim que pudesse
Ensinar a ela ler e escrever.

Cuidava do meu filho,
Com muito amor e carinho.
Não pude dizer não.
Comecei a ensinar com dedicação.

Me orgulho dessa mulher,
Que com muita vontade
Aprendeu a ler e escrever.
Mostrou que nada é impossível,
Só basta a gente querer.

Mariléia Amoras Tolosa

Negras, lindas, educadas!

Negras, lindas, educadas !
Mulheres de guerra e de paz.
Lutam com a força do amor
Porque querem mais.

Mais respeito, mais valor,
Mais igualdade.
São elas minhas professoras.
Lina, Meire e Piedade.

Lina, da terceira série,
Contribuiu com minha educação.
Não permitia bagunça na sala,
Mas tinha um grande coração.

Gostava de ensinar
De maneira diferente:
No zoo, na Igreja e na praça.
Isso marcou muita gente.

Até hoje tenho lembranças
Desses passeios educativos.
Aprendi bastante,
junto dos meus amigos.
Ao chegar a quinta série

A Meire encontrei.
Ensinava-me Matemática,
De início não gostei.

Mas o tempo foi passando
E o medo, fui superando...
Não temia mais os cálculos
Coisas que vivia errando.

Pelos desafios de Meire,
Superei as dificuldades.
Aprendi a vencer na vida,
Tenho força de vontade.

Por problemas do coração
Logo os estudos larguei.
Não era doença, nem nada,
Foi porque me apaixonei.

Dessa paixão enganosa
Restam dor e lembranças
E também quatro filhos,
Que ficaram como herança.
Sozinha e sem direção,
Não sabendo o que fazer,
Surge uma luz no túnel

Meu pai, que pôs-me a dizer:

Filha, volta a estudar.
Vença as dificuldades.
Leva a sério teus estudos
Ainda vou te ver na Faculdade.

Cursei Magistério
Sou profissional da educação.
Só não pude compartilhar,
Com meu pai, essa emoção.

Piedade, linda negra Doutora.
Mulher cheia de alegria,
Que dança Marabaixo
Toda cheia de magia.

Sua história de vida
Tem marca da negritude.
E isso não a impediu
De ser mulher de virtude.

Chegar onde ela chegou

Numa sociedade racista.
Isso não é pra qualquer um,
Mas ela fez jus, a essa
conquista.

E como mulher e aluna
Me sinto privilegiada,
De tê-la como mestra,
Minha querida amada!

Cléia Pantoja

As três mulheres negras que contribuíram em minha vida

Raimunda Baraúna, conhecida por dona Dica, moradora da comunidade Ponte do Maracá, em Mazagão Novo.

Minha avó é negra,
Não tenho vergonha de dizer.
Quase tudo que sei hoje
Vou aqui esclarecer.

Aprendi com ela
Amassar bacaba e pescar.
Hoje ensino os meus filhos
Pra vergonha não passar.

Mulher de personalidade forte marcante.
Mulher guerreira que sempre seguia avante.
Não deixava pela dificuldade se abater,
Pois sabia que tinha filhos
Para diariamente dar o que comer.

Minha avó era negra, não branca.
Hoje sinto sua falta.
Dos conselhos e dos abraços
Só me restaram boas lembranças.

**Maria Rodrigues B. de Moraes, conhecida por dona Conce,
reside em Mazagão Novo.**

Mulher guerreira, forte e valente.
Que nos ensina diariamente
A sempre seguir em frente.

Não importa a dificuldade,
Ela sempre está do nosso lado,
Nos ensinando o valor da vida
E a verdadeira felicidade.

Minha mãe não sabe ler,
Muito menos escrever, mas nos ensinou o valor da vida
Que escola nenhuma vai nos oferecer.

Gosto da minha mãe.
Por ela tenho paixão.
Se chego sujo ou limpinho
Ela nunca me deixa na mão.

Maria Ana de Moraes, conhecida por Mariana, reside em Mazagão Novo.

Mulher trabalhadora e forte,
Mesmo com as dificuldades
Não desiste e segue a própria sorte.
Tenho orgulho da minha sogra,
Trabalhando de sol a sol
Para seus filhos estudar
Com futuro próspero todos encontrar

Mulher que não vê as diferenças,
Que ensina diariamente
Que o mais importante da vida
É ser diferente.

Sandro Morais Freitas

A negra cor de ameixa

Sou muito forte e determinada.
Ainda com as dificuldades deste mundo.
Sou professora, sou negra valente
E não me abalo tão profundo.

Tenho orgulho de minha cor,
Do meu cabelo *black power*
Não uso chapinha, nem *babyliss*
Por que sou mulher feliz,
Do jeito que sempre quis.

Minha alma não tem cor,
Minha lágrima também não.
Se todos querem saber,
Dê um abraço em seu irmão,
Como forma de gratidão.

Peço a Deus todos os dias:
O amor nos corações daqueles
Que tanto sofrem
Sem amor, sem compaixão.

Aprendi que a vida
Não é fácil a ninguém.
Mas como sou brasileira,
Não desisto e luto sempre por alguém.

Respeito e humildade
Vale a pena adquirir,
Pois o Brasil só vai para frente
Se tiveres tudo isso aí.

Essa é minha história.
Sou Edileuza Soarez
Sou negra
Sou afro
Sou brava gente brasileira.

Edileuza Soarez

*** Nota das revisoras:**

Neste texto o *eu* poético da autora personifica a própria homenageada.



Mulheres Negras:

**símbolos de
resistência e
(re)existência –
celebre-mo-lhes
em vida ou
*in memoriam***

A black silhouette of a woman's head in profile, facing left. Her hair is styled in a dense, textured pattern of braids or twists, filling the right side of the frame. The background is a solid, bright yellow.

Capítulo 2

As três Marias

Três mulheres negras, comparadas pela sua cor. Com sonhos diferentes, mas lutadoras guerreiras. Contra tudo e todos que floresça preconceito, principalmente nas suas escolhas.

Maria, que viveu, amou e construiu família. Brincou de quebra-coco babaçu nas entranhas das matas maranhenses, como arte para sobreviver. Aprendeu com a vida a simples leitura de amar e fazer amor com os gestos. Venceu o medo da fome, do preconceito e ensinou o de mais importante, que é a simplicidade da vida, que nos engradece como pessoa.

Maria, que vive entre o *Pau-da-paciência* e a medicina da cura pela fé e ervas medicinais. Vive entre ruas de pedras e chaminés feitas de cimento de açúcar, misturado com o suor escravista da negritude de uma época de odores vencidos, pela luta. Isso tudo sem endurecer a ternura de seus olhos, vistos nas noites de tambores, com suas saias rodadas se transportando em um outro universo oceânico e arboreal, visto e vivido somente por quem tem coragem de sonhar com a liberdade.

Hoje o universo envelheceu. O tocar dos seus pés que já não são os mesmos, já não fazem a trajetória do caminho até a sua árvore

onde passou muitos inverno e verão embaixo de sua sombra, contando histórias e fazendo histórias, entre a fumaça forte do cheiro do tabaco queimado no cachimbo. Um olhar perdido... Na janela da sua morada há sempre um sorriso, ao lembrar que ela faz parte de mais um dia dessa criação.

Maria, neta-irmã, tão nova no seu *alborecer*, mas guerreira em seus direitos. Tão pequena, sonhadora e revolucionária em seus sonhos. Onde o Mundo sussurra preconceitos, ela achou a arte de amar. Assim construir seu castelo e sua fortaleza. Como uma rosa, seus espinhos vão estar sempre afiados a defender o que há de mais belo – sua felicidade.

Francisca de Jesus Maciel da Silva

As 3 negras da minha vida

A primeira negra da minha vida chamou-se **Luzia Quaresma da Matta**, minha amada avó paterna, ela era linda, alegre, animada, gostava de cantarolar durante seus afazeres domésticos; amava nos contar as histórias de sua família e como vieram parar no Município de Amapá, mais especificamente na Comunidade do Calafate. Nasceu dia 13 de dezembro de 1899 (dia de Santa Luzia, que era popular por ser uma santa virgem), sem registro de onde foi o lugar certo, pois só teve sua Certidão de Nascimento depois que teve seu primeiro filho aos 12 anos de idade, vítima de violência doméstica (abuso sexual). Faleceu em 18 de dezembro de 1991, por crescimento do coração (cardiomegalia); já residia aqui na capital Macapá havia uns seis anos, por causa de seu problema de saúde e, mesmo assim, aos seus 92 anos de idade ela era muito lúcida. Continuava a contar suas histórias nas rodas noturnas, com netos e filhos, sempre nos dizendo que era de grande importância que continuássemos contando as histórias aos nossos parentes que fossem crescendo; assim eles saberiam que tinham raízes Negras e Indígenas, e saberiam respeitar os costumes e tradições que esses povos haviam nos ensinado. Apesar do sangue que meu avô, seu marido: ELIELDORO RODRIGUES trazia dos alemães e espanhóis, nós devíamos nos orgulhar também do sangue que tínhamos herdado dela e sua família, bem como seus ensinamentos com os remédios caseiros, suas habilidades para plantar e colher, cuidar de animais, ajudar a trazer crianças ao mundo (parteira). Suas vestes com saias floridas e rodadas, blusas estilo das senhoras que dançam Marabaixo, e uma toalha no ombro, o cabelo com um adorno; no

início eu pensava que era porque ela enxugava o suor, porém me contou que tinha um outro sentido, lembrava de sua mãe, que era de família importante na África; não sabia dizer de que família, mas que ela tinha como ensinamento que devia usar. Os conhecimentos com os remédios caseiros vieram do seu pai, que era indígena da tribo dos Galibi; tratavam nosso povo com ervas medicinais, e raras vezes as pessoas morriam: ele ensinou minha bisavó e ela ensinou minha avó, que por sua vez nos ensinou algumas receitas. Na culinária ninguém ganhava o “capitão” da minha avó, ela cozinhava o feijão junto com o toucinho de porco até ficar macio, escorria o caldo, colocava a cebola e o coentro, depois com uma colher de pau amassava o feijão e colocava a farinha de mandioca, continuava amassando até formar uma massa; não podia passar muito tempo, tínhamos que ir comendo logo, com as mãos, era muito gostoso todos os tipos de comidas que ela fazia, para nossas rodas de histórias... hum! Que saudades dela e da sua comida. Dona Luzia, como era conhecida, quis colocar meu pai e meus tios para estudar, mas infelizmente não teve sorte em encontrar pessoas boas, só exploradores do trabalho infantil, quando ela descobria ia buscar os filhos escravizados, mesmos brancos, porém eram pobres. Falar das minhas avós, eu escreveria um livro, pois são tantas histórias... Mas como estou contando um pouco da minha avó Luzia, lembro que ela me chamava de filha de lemanjá, pois via em mim algo que lhe remetia a este pensamento: me dizia que eu era escolhida para fazer o bem, e que seria muito feliz; tinha o dever de seguir com a corrente do bem, pois para ela, assim como para meu pai e hoje para mim, vivemos em uma corrente, onde devemos fazer o bem para receber o bem, não se sabe de quem, mas que ele vem, ah isso vem! Ela teve o primeiro filho e o deu para uma senhora mais velha, pois com 12 anos de idade e longe da família não conseguiria sobreviver com o bebê nos braços e então foi trabalhar na casa de senhoras brancas, e trabalhou muito...Depois encontrou meu avô e

tiveram mais cinco; meu avô trabalhava no garimpo e faleceu com malária; meu pai ficou com seis anos de idade e trabalhou duramente para ajudar minha avó com os mais novos. Depois minha avó casou novamente e teve mais seis filhos, padrasto não muito bondoso, contudo mulher sem marido ficaria mais desprotegida que já era. Bom, está é um pouquinho da história de uma das mulheres negras da minha vida. Eu me chamo Marilu Tavares da Matta.

A segunda negra, conheci em 2014. Uma das mulheres mais inteligentes que marcaram minha vida, **Piedade Lino Videira**. Meu tão grande desejo de ter uma professora negra, veio a se realizar quando entrou na sala de aula uma Professora Doutora chamada Piedade Lino Videira - Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. Apresenta-se: “Sou mulher afro-amapaense, dançadeira de Batuque e Marabaixo, idealizadora da Companhia de Dança Afro Baraka (fundada em 30 de agosto de 2000)”. Psicopedagoga pela Faculdade de Macapá/FAMA. Mestre e Doutora em Educação Brasileira, pelo Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* da Faculdade de Educação/FACED da Universidade Federal do Ceará/UFC. Eixo Temático de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Linha teórica: Sociopoética, Cultura e Relações Étnico-Raciais. Professora Adjunta da Universidade Federal do Amapá, lotada no Curso de Pedagogia. Líder do Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico-Raciais, com ênfase em Educação Quilombola, certificado pelo CNPq. Atua nas áreas de: Arte/Educação; Educação, Cultura e Identidade Étnica; Relações Étnico-Raciais, com ênfase em Educação Quilombola. Estou Coordenadora Geral do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/NEAB-UNIFAP. Sou autora dos Livros: Marabaixo, dança afrodescendente:

Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos significando a Identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009 além de *Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012. (Informações coletadas do Lattes.)

Quando esta linda e encantadora mulher chegou em minha vida, com seu sorriso e alegria contagiantes, estimulando mais ainda meu gosto por livros e conhecimentos, teve a generosidade em compartilhar



Fonte: Acervo pessoal da autora

comigo e minha turma de Pedagogia, seus conhecimentos sobre a importância de conhecermos nossa história, tão pouco contada em sala de aula, muito menos valorizada. Passei a pesquisar mais sobre minhas raízes: se já era curiosa em perguntar aos mais velhos sobre minha origem, depois da Professora Piedade, multipliquei meus interesses em saber e valorizar minha própria história; com isso oportunizando aos meus alunos, que eles também refletissem sobre sua própria história, e valorizassem a nossa cultura.

Nosso passeio pelo Museu Sacaca possibilitou-nos reviver momentos em nossos lugares de origem, sendo a familiaridade com o local incrivelmente satisfatória e inesquecível. Minha avó Luzia sempre me dizia que conhecimento e informação nunca são demais; só não podemos tirar a paz das pessoas por causa disso (risos).

A terceira mulher negra que vou falar hoje é de uma amada amiga chamada **Dorivalva Dos Santos Sobral**. A Dori é negra, desde criança também possui uma doença de pele, vitiligo (afecção cutânea caracterizada por perda localizada da pigmentação; leucopatia adquirida.). Não bastava ser negra num país de racistas e preconceituosos, ela ainda era motivo de chacota para muitos por sua disfunção. Porém nunca se desprezou ou ficou muito triste por isso, ergueu a cabeça de tal modo que os preconceitos ficaram tão pequenos que até desapareceram de sua vida (risos).

Nunca deixou de seguir em frente e participar de concursos de beleza onde por vezes foi eleita, dentre outras brancas que a ofendiam. Nós, amigos dela, estivemos do seu lado para fortalecê-la, quando de nós precisava; estivemos juntas por muitos anos, mas a distância nos afastou, seguimos caminhos diferentes, ela é professora, casada, tem



Fonte: Acervo pessoal da autora

três filhos lindos, 37 anos e um marido branco. Trabalhou, estudou, venceu e nunca deixou que ninguém a destratasse por causa de sua cor NEGRA. No Município de Amapá foi eleita a Rainha do Carnaval, Miss Negra, a mais bela negra... E como profissional é de uma excelência admirável também; para os outros não deixava sua dor transparecer, mas para mim, lágrimas rolavam por cada destrato de racismo que ouvia: preconceitos citados nas ruas, em lugares públicos; só quem convive sabe o que um negro passa neste País, não importa onde estamos _ o desprezo por parte de alguns é nocivo a nossa saúde. Esta é uma pequena parte da imensa história de uma negra, que assumiu sua negritude.

Marilu Tavares da Matta

Pérolas negras (in)visíveis

As notações a seguir referem-se a joias do povo negro que, apesar da insistente invisibilidade imposta pela sociedade brasileira, fizeram história.

Luciana Lealdina de Araújo nasceu em Porto Alegre, em 13 de junho de 1870 e ficou conhecida como “Mãe Preta.” Após chegar ao município de Pelotas, também no Rio Grande do Sul. Iniciou sua vida de dedicação às crianças negras e, em 1901, fundou o Asilo São Benedito, onde voluntárias negras alfabetizavam e ensinavam habilidades domésticas para meninas carentes.

Em 1908, Luciana foi para Bagé, e deu origem ao Orfanato São Benedito com a ajuda de sua amiga Florentina Ferreira e de suas três filhas: Alice, Avelina e Julieta. O trabalho social feito principalmente com pequenos negros, filhos de ex-escravos, tomou grandes proporções e deu origem a uma creche para crianças pobres. A “Mãe Preta” gaúcha morreu em 1930 e o seu legado, que foi digno de encantamento de nomes como poeta Olavo Bilac, ainda perdura até os dias de hoje.

Ruth de Souza, umas das principais damas da dramaturgia brasileira, nasceu em 12 de maio de 1921 no Rio de Janeiro, foi co-fundadora do Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado

por Abdias do Nascimento, durante a década de 40, século XX. O grupo foi imprescindível para a construção de uma nova escola de dramaturgia e ajudou na valorização e na inserção de muitos artistas negros na mídia da época.

Ruth tem muitos motivos para nos orgulhar, dentre eles o fato de ser a primeira atriz negra a subir ao palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a peça “O Imperador Jones,” de Eugênio O’Neil, e por ter recebido uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, para estudar na Faculdade de Harvard e na Academia Nacional de Teatro nos Estados Unidos. Em 1968, torna-se integrante do elenco da Globo, onde foi a primeira negra a protagonizar uma telenovela, a “Cabana do Pai Tomás.” E ela não pára! Mesmo com seus 93 anos, ela ainda é uma presença em diversas produções.

Aizita Nascimento, nascida em 14 de julho de 1939, foi a primeira negra brasileira a participar de um concurso de *miss* no País. Na década de 1960, época em que os concursos de beleza agitavam a todos os Estados brasileiros, Aizita, uma jovem enfermeira, conquistou a faixa de Miss Renascença, no Rio de Janeiro. Em seguida, levou sua beleza negra para o Miss Guanabara, porém, ficou em 6º lugar. Não obstante, saiu do palco sob o coro de um público que, indignado com o resultado, gritava: “Queremos a mulata! Queremos a mulata! Queremos a mulata!” Sua participação na premiação abriu um precedente importantíssimo para a exaltação e valorização da beleza e autoestima da mulher preta.

Sônia Maria Fontes Tavares

Mulheres de fibra

A vida é feita de escolhas, por meio das quais formamos nossa personalidade. Mas, dentro dessa construção, recebemos influência de pessoas que deixam marcas positivas e negativas em nossas vidas. É justamente a respeito dessas pessoas que marcaram ou representaram atitudes de luta por liberdade, por oportunidade, por igualdade que irei dissertar.

A primeira é a Professora **Vera**, filha de família tradicional de Mazagão, sempre esteve envolvida com a cultura Mazaganense. Quando se fala em Marabaixo, logo se pensa nela, pois todas as apresentações é ela que canta a roda do Marabaixo nas escolas.

Posso definir seu perfil com uma pequena poesia:

*Como o raiar do amanhecer, como o cantar dos passarinhos.
Sua determinação é contagiante, sua alegria é envolvente.
Sempre está pronta para ajudar, nunca põe em dificuldade,
A cultura de seu povo coloca sempre em primeiro lugar.*

A segunda mulher negra que se destaca no cenário estadual pela luta contra o racismo e o preconceito do povo negro é a **Cristina Almeida**. Já foi vereadora, agora é deputada estadual e sempre está dentro do cenário político. Luta e apresenta leis e projetos, com objetivos de promover políticas públicas de igualdade de oportunidades e combate à discriminação a raça negra.

Cristina Almeida leva como bandeira de luta o combate ao preconceito, discriminação e todas as formas correlatas de intolerância. É defensora na batalha pela inclusão de políticas públicas para as mulheres, bem como os negros e homossexuais. Durante os seus mandatos, articulou, criou e efetivou inúmeros projetos de leis para visualizar espaço social de direitos iguais para a comunidade negra amapaense.

A terceira mulher é minha mãe, dona **Ingraja Costa**, que mesmo com muitas dificuldades criou oito filhos e deu exemplos de dignidade e valores éticos. O que eu sou hoje devo a ela, que mesmo com pouca instrução nos deu ensinamentos que nós, irmãos, levamos para as nossas vidas.

Sei que não foi fácil para uma mulher ser separada em uma sociedade de machistas como a nossa. Mas nem por isso ela se deixou intimidar, lutou com dignidade, determinação e criou todos seus filhos. Hoje todos estão crescidos e agradeço muito por tudo que ela nos deu, mesmo com poucos recursos nunca deixou a nós nada faltar.

Enfim, este foi um pequeno relato dessas três mulheres negras ilustres, que tanto nos orgulha pelas lutas por dignidades e por valorização de sua raça e de sua cultura. Não se deixaram intimidar pela discriminação, venceram e quebraram o preconceito de uma sociedade tão preconceituosa que é a sociedade brasileira.

José Costa Cordeiro

Mulheres guerreiras

Essas histórias são de mulheres negras guerreiras, que se contrapõem às regras da sociedade, cada uma com suas convicções.

A primeira é uma negra, Doutora das artes das cores, de pensamento transformado, coberta pela pele negra escura como a noite, mas radiante como as estrelas, se contrapondo à cultura da sociedade, que julga o belo pela cor da pele.

Mulher faceira, quem faça você? O laço das transformações intelectuais de seus alunos e amigos. Felizes são os que cruzam seu caminho, pois nele encontra-se o livro do conhecimento de sua cultura.

Linda como a noite escura, brilhante como as estrelas. Não se ofusca pela tristeza, mas a transforma em real beleza de cultura, atitudes e cores, desfazendo os mitos que envolvem sua cultura.

Mulher de pele morena, diferentemente da primeira, constitui a segunda história e tem o rosto envelhecido pela idade, fonte de inspiração para quem convive com ela. Foi pai, mãe e amiga, tornando-se viúva, com onze filhos, nove

menores para criar, nunca baixou a cabeça para dificuldades ou para murmurar lamúrias.

Curandeira do males do corpo e da alma com seu chá ou ponche; com suas fricções cura a “distensão da carne”. Agricultora das plantas medicinais e das hortaliças; tudo que planta colhe, mas sempre diz que essa beleza se dá pelas conversas com as plantas. Tem sua fé nas raízes e banhas de animais. Transforma suas folhas em remédio de cura do corpo e da alma.

Mulher de puro vigor de vida, que aos 76 anos “coloca muitas no bolso,” é conhecida como **Maria Serrão** para aqueles que necessitam de sua mão.

Uma pequena menina negra, é personagem da terceira história. Com apenas seis anos, orgulha-se de ter a pele negra, é cantora de história, transformadora de pensamento. Tem em sua alma o respeito pela Natureza, gosta de animais, adora estar no meio do mato, sentir o cheiro da terra.

Menina-mulher de opinião forte, pois só aceita o que lhe convém; pode quem quiser achar ruim.

Maria Izabel Serrão Pinto dos Santos

Negritude tenaz

Eis que ofereço ao leitor, nestas breves palavras, a marca da tenacidade, encarnada em três grandes mulheres do Norte/Nordeste:

Lucimar Silva Santos, nascida em 28 de agosto de 1946, no município de Breves/PA, cresceu numa pequena vila, onde viveu até seus doze anos, depois mudou-se para uma comunidade de nome Sacramento. Trabalhou na casa de uma família praticamente como escrava, pois além de fazer toda a tarefa de casa, tinha que deixar o fogo aceso durante o dia todo – a patroa lhe dava um palito de fósforo para acender o fogo – se usasse mais de um apanhava, ou seja, pegava chibatadas.

Ao fugir de sua patroa, devido aos maus-tratos exagerados, conheceu seu respectivo esposo em uma obra, às cercanias da cidade. Mudaram para o Estado do Amapá e ao residir em Macapá, contraiu o matrimônio e concebeu nove filhos. Trabalhou como lavadeira para ajudar no sustento da família. Depois conseguiu emprego em uma empresa por nome Pregel e passou para o Quadro do Governo Federal, na turma dos 992. Separou-se após 25 anos de casamento, para ir viver com um

senhor no distrito do Curiaú, pois seu atual esposo é quilombola. Morou no Curiaú durante vinte e oito anos, até o seu falecimento. Morreu no dia 26 de fevereiro de 2016.

Lucimar foi uma mulher guerreira, lutadora e amava a vida. Por onde passava conquistava a todos com o seu coração bondoso e suas comidas deliciosas. Deixou saudades para todos, em especial para seus 4 filhos. Infelizmente antes de morrer perdera 5 (cinco) filhos para o mundo das drogas.

Maria de Lourdes Ferreira, filha de pais maranhenses, nasceu no dia 9 de novembro de 1974, no interior do Estado do Pará, mas viveu sua infância no Maranhão. Na adolescência, retornou ao Pará, onde passou uma parte de sua juventude, mudando-se posteriormente para o Estado do Amapá, com seus quatro irmãos e sua mãe Raimunda. Maria de Lourdes trabalhou como doméstica, para ajudar na criação de se irmãos que ainda eram menores de idade.

Contraiu matrimônio e desse relacionamento adotou um menino que tinha apenas dois anos. Passou no concurso da Prefeitura de Santana, onde trabalha como merendeira. Seu filho adotivo cresceu, e com dez anos começou a mexer no dinheiro dela. Ao completar dezesseis anos, seu pai [adotivo] abandonou a família e então esse adolescente foi abandonado duas vezes – a primeira, pela mãe biológica (quando tinha dois anos) e depois pelo seu pai. Começou a roubar, usar drogas, beber e fumar.

Maria de Lourdes entrou em depressão e quase enlouqueceu com a separação e com os problemas de seu filho. Porém ela não desistiu e continua lutando pelo filho e agora pelos netos. Após a reconstrução de sua vida ela voltou a estudar e concluiu o Ensino Médio. Casou-se novamente e continua lutando pelo filho, acreditando em sua mudança e que será um homem de boa índole.

Teodora Santos, nascida em 18 de abril de 1962, veio do Maranhão para o Amapá por volta da década de 80, século XX. Trabalhou como doméstica, teve 11 filhos, mas criou apenas 9, com lutas e humilhações – seus filhos passaram fome e foi abandonada pelo esposo. Enquanto ia trabalhar seus filhos iam pedir comida na vizinhança, mas as crianças não pararam de estudar. Ela conseguiu trabalhar como Agente de Saúde. Formou todos os filhos, em nível superior.

Os filhos de Teodora são exemplos de vida para uma sociedade cheia de racismo e hipocrisia. Teodora Santos continua como Agente de Saúde e está muito feliz, pois criou seus filhos com muita luta e dignidade.

Sueli das Graças Pantoja

Mulheres-símbolo das Ciências, das Artes e da Fé

Nesta primeira história de vida que irei relatar faço menção à mulher negra **Patrícia**, uma jovem que merece respeito e admiração das pessoas que estão a seu redor. Essa jovem se orgulha de suas origens e luta para melhorias de sua comunidade, de modo que não mede esforços para alcançar suas metas. Foi nascida e criada na comunidade, porém quando adolescente foi para a cidade estudar, e nem por isso esqueceu suas origens, pois participa ativamente na comunidade, tanto nas manifestações culturais quanto nas formas de trabalho.

Patrícia estudou e já conseguiu diversos benefícios para a sociedade, dentre eles água potável e o título de comunidade quilombola. Faz faculdade, seu sonho é trabalhar na comunidade para dar exemplos às novas gerações que surgirão.

Essa negra merece toda a admiração. Que seu exemplo de luta e garra despertem em nossas crianças esta vontade de mudanças e que elas tenham orgulho de sua cor e nunca deixem acabar suas tradições.

Agora, destaco a atriz Taís Araújo, motivo de orgulho a todas as mulheres, em especial as negras. A atriz não se importa com os preconceitos que esta sociedade racista insiste em praticar. É um

exemplo para as negras e sua cor nunca foi e nunca será empecilho para o crescimento profissional. Seu talento é indiscutível. É uma mulher de garra, pois sabe conciliar trabalho e família. Já sofreu preconceito, porém não se calou, manifestou toda indignação diante de tanto desrespeito e denunciou, mostrando a todos que não se deve calar e fechar os olhos para esse racismo ainda predominante na sociedade. Essa mulher negra representa todas as negras que lutam e que vão em busca de seus objetivos e não deixam que a ignorância de muitos interfira em seu sucesso.

Otra pessoa que admiro muito, por sua postura exemplar na comunidade na qual está inserida, trata-se de **Josefa**, mulher negra que apesar de sempre estar sorrindo, carrega nos ombros o peso de uma vida sofrida, marcada pelo seu passado de luta pela sobrevivência. Perdeu sua mãe muito jovem, e ficou responsável por seus irmãos mais jovens. Trabalhou muito na roça, realizando trabalhos nem sempre adequados à sua força física.

Essa mulher encara todos os desafios no que diz respeito às tradições de sua comunidade, pois não deixa de valorizar suas raízes. Estimula as crianças e jovens a preservarem sua cultura. Determinação e garra fazem parte de sua história, já que é mãe e criou sozinha seus filhos e apesar de sua idade avançada, ainda encontra forças para trabalhar na roça.

A fé de Josefa é incontestável, principalmente em relação a seu santo padroeiro, São Tomé, no qual acredita que proteja a ela e à sua comunidade; com sua fé todos os seus pedidos são atendidos. Pessoas como Josefa é que fazem a diferença e conquista respeito e admiração das pessoas.

Waldemir de Jesus Silva

Avó, Mãe e Professora: três referências de mulher

TÉRCIA - MULHER NEGRA, GUERREIRA...

Tércia, mãe de dez filhos, três homens e sete mulheres. Quando seu marido a abandonou, ficou com os dez filhos, que ainda eram menores de idade. Mas com muita garra e perseverança continuou lutando para sustentar sua família. Com muita força e determinação, sem estudo, mas trabalhando na raça e com a ajuda de seus filhos mais velhos, vencida as durezas da vida e ia superando as dificuldades dia após dia.

Com o passar do tempo uma de suas filhas, a mais velha, casou-se e depois ela levou sua mãe e seus irmãos menores de idade para morar com ela e seu marido. Tércia terminou de criar seus filhos com ajuda de sua filha e seu genro. Então ela passou a conviver com seus netos, os quais puderam receber de sua avó ensinamentos e valores para a vida.

Ao chegar a noite ela fazia aquelas rodas e contava histórias, onde fazia seus netos viajarem sem saírem do lugar. Nas histórias

ela relatava a vida de um povo negro muito sofrido, que era maltratado pelos brancos. Contava sua história de vida, como eles plantavam, como dançavam e como era sua culinária.

Nas rodas de conversas ela apresenta o Marabaixo e com ela seus netos dançavam. Ela também os fez saborearem a cultura negra, suas crenças, suas danças, seus remédios de plantas medicinais que chegou até curar seus netos várias vezes, com essas plantas medicinais. Ela ensinou a seus netos valores e a amar seu próximo sem preconceito, independentemente da cor da pele ou do jeito do cabelo. Mostrou-lhes como respeitar uns aos outros, como ser humano, que temos os mesmos direitos, tanto brancos quanto negros.

Apesar do seu semblante cansado, não deixava passar uma noite sem contar uma história sobre seu povo negro. Mesmo com muito carinho, amor e dedicação não conseguiu ver nenhum neto formado, pois o papai do céu a levou antes de eles obterem essa realização.

ANA - NEGRA, VITORIOSA, DE BELEZA ENCANTADORA...

Ana, filha de família humilde e com pais separados, teve que estudar e trabalhar duro para sustentar nove irmãos. Ainda assim, às vezes ocorria de a família almoçar, mas não ter o que jantar. Porém, com todas as dificuldades não se perdeu pelos caminhos ruins que o mundo nos apresenta e continuou estudando; apesar

de todos os limites financeiros não se deu por vencida. Por ter só um par de sapatos, quando o mesmo descolava e ela não tinha condições financeiras para comprar outro, ela passava esparadrapo no dedo e dizia na Escola que estava usando sandálias por ter machucado o dedo.

Ana, uma mulher negra linda, de uma beleza encantadora, dona de um corpo escultural e de uma inteligência incomparável. Ela morava na cidade de Amapá e um certo dia, ela conheceu um rapaz branco, de família branca e bem sucedida – o pai dele, um dos maiores fazendeiros daquela região. E os dois se apaixonaram e com o tempo se casaram contra a vontade da família dele, que era contra a união dos dois. Eles a discriminavam, por ser uma mulher negra e pobre.

Ele se casou com ela e com muito orgulho construíram sua família. Desse amor nasceram oito filhos maravilhosos e encantadores, sendo seis homens e duas mulheres. Ela os educou, ensinou-lhes valores, caráter e a serem dignos, honestos e a valorizarem cada refeição colocada à mesa, a cada peça de roupa usada e a cada calçado colocado nos pés, pois tudo o que seus filhos tinham ela não teve. Ana tinha o prazer de dar aos seus filhos tudo aquilo que ela não pode ter.

Hoje seus filhos são todos formados e empregados e tudo o que são e o que eles têm agradecem a ela, com todo amor, carinho e dedicação.

PIEIDADE - NEGRA, DOUTORA!

Piedade, mulher, negra, professora, doutora, artista, escritora, dançadeira de Marabaixo, que desenvolve suas atividades na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mulher guerreira, exemplo de conquista para seu povo, não deixou e nem se permitiu diminuir pela cor de sua pele, nem pelo seu cabelo. Mostrou para o povo afro-amapaense que o negro é capaz, que ele pode assumir lugar na sociedade, bem como desenvolver papel social no mercado de trabalho e nas universidades, com dignidade, reiterando que o negro deve ser respeitado e valorizado, como qualquer outra pessoa.

Professora Piedade demonstra o orgulho de ser negra, de levar suas origens onde quer que vá. Ela conseguiu sua identidade com orgulho e por isso é referência para seu povo e para dança como: Marabaixo, Samba, Batuque e outros. É mulher que valoriza sua cultura afro-brasileira.

Marciliane Lobato

Negras eternas de minha infância

Caros leitores, quero contar-lhes uma partícula da história de minha infância, na qual trago comigo três mulheres que me ajudaram a compreender minha origem e cultura de meus ancestrais.

Primeiramente destaco minha mãe, **Almerinda Campos de Sena** que nasceu em 16/01/1945, na comunidade Monte das Oliveiras, localizada no Rio Candiru, município de Afuá/PA. Essa ternura de mulher, que me fez perceber o quanto a vida é bela; cada página virada em nossas vidas são aprendizagens que construímos a partir de experiências vividas e apreciadas por cada ser humano.

Recordo-me de caminhos que trilhei junto de minha heroína e também de meus irmãos. Esta doce mulher lutou com a bravura de leões para defender seus filhos nos mais difíceis obstáculos impostos pela vida. Com ela aprendi a pescar, plantar e colher frutos em terras áridas, onde a labuta é árdua. Só nascem aquelas sementes que são regadas e iluminadas pelo sol. O sol, com seu resplendor de luz, consegue irradiar todo o Planeta.

Assim são as pessoas que nos amam. Esta mulher me ensinou as diferenças de cor, raça ou etnia. Sem falar nos valores culturais de meus antepassados que vieram de tempos remotos, onde o

preconceito era a arma mais poderosa, as palavras cruzaram as fronteiras do racismo e os limites que separam cada continente deste Planeta. A voz de cada homem ou mulher ecoa pelo vasto campo das ideologias humanas.

Outra mulher que se tornou referência na minha vida é a minha irmã, **Ana Raimunda Sena da Silva**. Nascida em 13/03/1963, também deu sua contribuição na minha educação, por me fazer entender que apesar da diferença de cor ou raça cada povo tem suas especificidades. Segundo ela, nossa diversidade é uma riqueza de saberes que envolve múltiplas inteligências.

A terceira mulher que trago na lembrança é **Arlete Pinheiro Amorim**, que nasceu 23/01/1952. Por meio de seus conselhos despertei para um mundo real. Antes, era como se eu estivesse num mundo de imaginações, fantasias e ilusões. Em cada diálogo entre mim e ela, quebravam-se barreiras que transpassavam os limites de minha infância. Isso devido a ter saído do seio de minha família ainda criança. Hoje compreendo que cada sujeito é produtor de cultura e autor de sua própria história.

Rosiane de Sena Cumarú

Histórias de Amor

RELATO SOBRE UMA HEROÍNA

Em 1940 nasce no município de Anajás, interior do Pará, uma negrinha, filha de pais descendentes de indígenas. Ela foi crescendo, crescendo e tornou-se uma jovem muito bonita, mas seu pai não a poupava do trabalho, levantava cedo para fazer café e junto com seus irmãos ia para o mato cortar seringa. O trabalho era árduo e cansativo, porém mesmo exausta, ao chegar a casa, **Olga** ainda tinha os afazeres domésticos a cumprir.

Cansada da vida diária na roça, saiu de casa em busca de coisas novas. Trabalhou muitos anos de doméstica e devido às dificuldades e as poucas condições que tinha, não foi possível dedicar-se aos estudos. Com o tempo, Olga casou-se com um grande agricultor com quem teve sete filhos. E assim seus sonhos de cidade grande ficaram para trás, retornando, então, para a vida na roça. Mas suas lutas não param por aí; sofreu várias discriminações, contudo não ligava para o que falavam. Nessa época lavava roupas para fora, para ajudar o esposo a dar o sustento aos filhos.

Olga era uma mulher de fibra, mulher determinada, batalhadora e toda essa força transmitiu a seus filhos. Lembro-me quando dei o primeiro passo para minha independência, Olga, a minha mãe querida, vibrou junto comigo ao receber a notícia de que eu teria passado em um

concurso público e vibrou mais ainda quando entrei na faculdade em 2013 e, no mesmo ano, Deus a tirou de mim em 13 de setembro _ minha melhor amiga, confidente, conselheira meu tudo... mas ela lutou até os últimos momentos de sua vida. Minha eterna mãe, quanta falta você me faz. Eu sou parte de sua vida, e você é toda a minha história!

MENINA-MULHER

Nasceu, é uma menina
Vermelhinha, vermelhinha.
Mas era por causa de sua cor
Chorava, chorava a pequena negrinha.

Sua mãe não a queria,
Iria dá-la a outra família.
Mas quando a amamentou o amor surgiu.
Desistiu, então, de dar a pequena menina.

E foi crescendo, crescendo,
Era chorona que doía.
Algumas pessoas não gostavam dela,
Porque quando chorava
Escancarava a goela.

O nome dela é **Rariza Niara**,
Afrodescendente, com traços indígenas
É linda de se ver.
A bela morena de cabelos negros e lisos
Tornou-se uma grande mulher.

Cheia de amor e dedicada em tudo que faz
A menina mulher, linda e magnífica.
Hoje é orgulho para sua mãe
Da pessoa que se tornou.

O FIM DO PRECONCEITO

Val é uma jovem branca, que só gostava de rapazes da mesma cor. Não tinha afeição nenhuma por negros, não gostava de dar bola para jovens negros. Era orgulhosa, racista achava que eles eram mal educados e fedidos.

Mas um fato aconteceu na sua vida. Por ordem do destino um baiano negro, do cabelo que parecia umas bolinhas, uma pessoa simpática, educada e muito cheirosa. A amizade fluía bem, até que acabaram namorando. Daí em diante, Val passou a valorizar as diferenças. Desde então, o preconceito teve um fim glorioso, foi vencido pela gentileza daquele baiano de pele preta, coração puro e muito gente boa.

Valcirene Pinheiro de Queiroz

Crenças e Cultura afro-brasileira

Os textos a seguir destacam a mulher parteira, a mulher benzedeira e a mulher dançadeira, como guardiãs das tradições do povo negro.

Aurélia Monteiro da Silva, mãe solteira, teve cinco filhos, dos quais se orgulha por ter-lhes ensinado os valores de um cidadão e hoje está recompensada pela gratidão que eles têm da mãe. Nasceu aos 24 de maio de 1924. Tem 93 anos. Foi parteira, fez 82 partos na comunidade, credenciada pelo grupo de parteiras do Amapá. Ajudava o povo da comunidade que vivia com seus chás de plantas medicinais, quando adoeciam. Gostava de dançar o Marabaixo. Ensinou suas bisnetas gêmeas a valorizarem esta dança, sempre encantadas com o saber da bisavó. Hoje está acamada e vive contando histórias para suas bisnetas. Contribuiu para a comunidade que viveu há anos e até hoje as pessoas sentem sua falta e retribuem sua generosidade visitando-a na casa de sua filha.

Dona Elza, nascida aos 20 de janeiro de 1930, tem hoje 87 anos. Contribuiu com as famílias da comunidade. Benzedeira, puxadeira, usa seus chás para curar os doentes que a procuram e acreditam nos seus trabalhos. Gosta de dançar samba e costuma cantar músicas de capoeira. Trabalhava na roça, fazia

um delicioso mungunzá de milho, fumava cachimbo, hoje não fuma mais. Não teve filhos, mas vive rodeada de pessoas que a admiram, por ser uma mulher negra dos cabelos crespos, batalhadora contribuindo e ajudando as pessoas que precisam de seus cuidados.

Profa. Dra. **Piedade Lino Videira**. Mulher guerreira, por suas lutas, defende sua origem com dignidade e sabedoria; é símbolo de coragem, lutando por igualdade. Tem orgulho de ser negra, contando suas proezas, encantando todos com sua galanteza de mulher talentosa, demonstrando com garra toda a sua história. Na dança retrata a valorização do povo Afro-brasileiro, mostrando a cara do Brasil e dignificando as mulheres negras em honra a pele bonita. Passa a ser admirada por lutas incansáveis para combater a discriminação racial, uma das mazelas da vida.

Maria do Carmo da Costa e Silva

Minha própria história

Eu me chamo **Lurdimar**, nasci no Rio Candiru, em Afuá/PA, no dia 28 de novembro de 1955. Não sou negra, e sim cabocla ribeirinha. Minha família era de pessoas humildes, mas honestas. Meu pai era lavrador, trabalhava na roça e também era seringueiro, trabalhando de sol a sol, para obter o suficiente para nosso sustento. Eu queria estudar, porém naquela época só estudava quem morava na cidade, não havia escola no município, e na cidade só até a 5ª série. Quem concluía e os pais podiam, ia estudar em Belém nos colégios internos, mas só para quem tinha dinheiro.

Quando estava aos 12 anos, comecei a estudar na cidade, morando com uma família, só que na condição de ajudar nas tarefas de casa, que ficaram todas por minha conta: lavar e passar roupa, lavar as louças, mais a limpeza da casa e cuidar dos porquinhos no chiqueiro. Morei 3 anos e já estava na 3ª série do então primário.

Para mim foi triste sair de casa para morar com estranhos. Chorava, mas eu queria estudar, vencer e ser alguém que pudesse ter um emprego, só não gostaria de trabalhar na roça a vida toda; sempre pensei em dias melhores. Minhas irmãs não estudaram por não terem coragem de sair de casa, que é difícil. Cresceram sem estudo, ocorre que depois foram buscar trabalho doméstico aqui em Macapá, e conseguiram: uma sabia fazer peruca e a outra foi ser doméstica. Nessa ocasião elas me trouxeram para morar com elas e estudar.

A minha irmã mais velha era amiga da nora do professor Tostes. Essa mulher conseguiu me matricular na Escola Municipal Rondônia. Lembrei-me da Diretora, Oliva Lacerda, e da professora Vânia, que foi a minha primeira professora aqui em Macapá. A 3ª e 4ª série, eu estudei mais dois anos fora de casa, para onde só ia nas férias. Porém, antes de terminar o ano, minhas irmãs adoeceram, uma voltou para casa e a outra ficou internada no Hospital Geral de Macapá, no sanatório.

Minhas irmãs me deixaram morando com a professora Alzenora, esposa do Sr. Cirilo Diogo Ramos, filho de dona Jovina e “seu” Raimundo Ramos Brasil. Dona Jovina gostava muito de mim e me aconselhava para estudar e garantir meu futuro. Nos finais de semana íamos para o Curiaú, cheguei a ir com ela à casa onde eles faziam farinha – era do outro lado do lago e a gente ia empurrando a canoa com vara, até chegar a outra margem do lago, eu adorava aquela aventura. Lá conheci um cacho de bananeira com 300 bananas.

Voltei para Afuá, por causa de minhas irmãs. A mais nova morreu no mesmo ano e a outra morreu 2 anos depois, mas continuei a estudar. Concluí o Ensino Fundamental, mas parei por não haver Ensino Médio na época lá na minha cidade. Então comecei a trabalhar na Escola Municipal Leopoldina Guerreira, sendo nomeada servente. Cuidei dos meus filhos, eles casaram e me deram netos.

Passei muito tempo sem estudar, pois não morava na cidade, meu pai comprou uma casa para mim em 1992. Mas eu queria mais, não estava satisfeita só com o Ensino Fundamental. Voltei a estudar o magistério,

que eram 3 anos. Iniciei em 2001 e concluí em 2003, só que não tinha como fazer Faculdade particular. Por meio de minha filha eu consegui me inscrever na UNIFAP em 2013. Dessa forma, estou aqui.

Já na condição de acadêmica, conheci **Joana Pessoa**, mulher guerreira e poderosa, cheia de qualidades. Uma delas é a solidariedade – ama as pessoas, tem um jeito próprio de olhar e ver quem está à sua volta, sem fazer distinção de cor, raça ou credo. Não é à-toa que é *Pessoa* até no sobrenome. Eu me inspiro nessa mulher generosa, acima de tudo vitoriosa, mulher de caráter.

A outra guerreira é você, Profa. **Piedade**, por nos proporcionar momentos de aprendizagem, revelando muitas coisas que estavam ocultas em nossa realidade. Acreditar na mudança é uma de suas qualidades, saber dialogar também faz parte de sua cultura. É mulher virtuosa, capaz de desenvolver conhecimentos que afloram sua mente.

Culturalista, pluralista, possui a diversidade das sabedorias. Piedade, não é à-toa que você já nasceu *Videira*, entrelaçando vidas. Sejam conquistadores da liberdade com Piedade Videira – de forma una, que significa união, juntos, unidos e colaboradores contra a discriminação.

Maria Lurdimar Pinheiro Campos

Inclusão social da mulher negra: *Professora Piedade, eu mesma e minha filha Gabrielly*

A primeira, luta por uma educação multicultural, **Piedade Lino Videira**, graduada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. Psicopedagoga, pesquisadora e Doutora em Educação, ressalta que ser quilombola é ter uma inscrição histórica de luta na sociedade brasileira e que a cultura amapaense, hoje com seu exemplo, está sendo valorizada a preservação do legado de nossos antepassados. O suor do trabalho transformado em artes – a verdadeira cultura do quilombo do Curiaú em Macapá, como um lugar de memória e de patrimônio cultural, de festas, rezas, ladainhas e principalmente de muita fé.

Enfim, essa grande mulher que tanto tenho orgulho, faz com que tenhamos uma educação multicultural, onde a Escola deve combater: os estereótipos racistas das crianças e famílias negras; o silenciamento diante das situações de preconceitos e discriminações no cotidiano, além de eliminar a hegemonia eurocêntrica na cultura escolar.

A segunda mulher negra: em alguns momentos da vida escolhemos caminhos e coisas. Em outros, somos escolhidos. Eu, **Waldilene de Jesus Silva**, nascida em Almerim/PA, professora dos anos iniciais, tenho-me como referência de mulher negra que valoriza suas raízes e tenho muito orgulho de minha cor. Sou liberta, gostosa, cheirosa e carinhosa. Sou mãe e professora que reconhece que há profundo preconceito na sociedade brasileira. É o ponto de partida para o

enfrentamento dessa realidade, sendo o meu objetivo o de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, por meio da educação. Reforço nos alunos a importância do compromisso social e da igualdade étnico-racial que faz parte do currículo nacional, com base nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, as quais estabelecem como premissa o reconhecimento da identidade, da história e da cultura dos afrodescendentes, a garantia de seus direitos de cidadão e a valorização de suas raízes.

Já a terceira mulher negra é minha filha, **Gabrielly Letícia da Silva Marques**, luz da minha vida e esperança permanente, nascida no município de Santana, amapaense, estudante, concluindo o Ensino Médio em 2017. Uma belíssima mulher negra de personalidade forte e marcante, que olha a sua vida por meio de suas ações e práticas, de não desistir de seus sonhos. Reconhece e valoriza suas raízes negras amapaenses, traz em seu sangue as diversas etnias: portuguesa, indígena e negra, tendo como modelo de mulher guerreira sua mãe, amiga e educadora.

Gabrielly Marques se apresenta no espelho da vida de maneira apaixonada e orgulhosa de cultivar as memórias de seus ancestrais.

Waldilene de Jesus Silva

Negras do Batuque e do Marabaixo

Maria Izabel Cardoso de Jesus, moradora do bairro Pacoval, na Avenida Maranhão. Tem 2 filhos, dança no grupo de Marabaixo, gosta de participar de eventos culturais, tem orgulho de suas raízes.

Mulher negra guerreira, batalhadora, que trabalhando em casa de família ajudou sua filha a se formar em Direito, mostrando para sociedade que é possível uma negra ser advogada. Por isso que a escolhi como referência de mulher negra, que não tem vergonha de sua cultura.

Outra referência de mulher negra vitoriosa é **Piedade Lino Videira**, afroamapaense, dançadeira de Batuque e de Marabaixo, idealizadora da Companhia de dança Afro Baraka. Graduada em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. Psicopedagoga, pela Faculdade de Macapá/FAMA. Mestre e Doutora em Educação Brasileira. Mulher ilustre, que tem grande referência de conquista, que é vencer todos os preconceitos e discriminações, e que luta pelos seus direitos, para ter seus espaços na sociedade, exemplo de mulher que valoriza suas raízes e identidades.

Também não posso deixar de falar de *Tia Tônica*, como era conhecida no bairro. Morava na Avenida Maranhão, uma negra que gostava de dançar Marabaixo e Batuque, valorizava muito sua cultura. Não tinha preconceito com nada, gostava muito de trabalhar, criou todos os seus filhos e lhes repassou os seus costumes. Era mulher de grande personalidade que nos /deixou saudades.

Estas foram as três mulheres negras ilustres, que tanto nos orgulham pelas suas lutas por dignidades e por valorização de sua raça e de sua cultura. Não se deixaram intimidar pela discriminação e venceram todas as dificuldades e diferenças no meio da sociedade. Assim essas mulheres valorosas vão repassando sua cultura de geração em geração.

Valdenira Batista dos Santos

Meus exemplos de vida, na Família e na Escola

A primeira mulher negra que passou em minha vida foi minha mãe, **Riberalta Silva**, mulher guerreira que ainda muito cedo ficou viúva com duas crianças para cuidar. Teve que voltar para a casa de seus pais, depois da morte de seu esposo. Isto porque não tinha uma profissão reconhecida no mercado de trabalho naquela época. Lavou roupas para fora e cortou lenha para poder manter o seu sustento e de suas filhas. A vida não era nada fácil – minha mãe foi humilhada e mal vista pela sociedade, por ser viúva e com filhos.

Hoje minha mãe tem 74 anos. Mulher vitoriosa que acompanhou sempre de perto o crescimento de seus filhos. Sinto-me muito agradecida por fazer parte de sua história de vida.

A segunda mulher negra que passou por minha vida foi **Dona Enedina Serrão**, minha avó paterna. Já conheci minha avozinha viúva, cuidando de seus netos, pois precisava estudar e não tinham onde ficar – ela sempre os acolhia com muito amor. Tinha uma sabedoria sem igual; mesmo sendo analfabeta queria que todos nós estudássemos. Por não ter condições financeiras para manter seu sustento fazia carvão e também chopes de frutas.

Era uma pessoa boa, de alma “doce,” pois vivia sorrindo em meio às dificuldades da vida. Minha negra linda de olhos verdes, sorriso largo, minha melhor companheira. Sabia fazer o melhor charque assado para tomarmos com açaí; seus bolinhos de farinha eram os melhores do mundo.

Quando estávamos doentes nos oferecia, além do seu carinho e atenção, aqueles seus milagrosos chás de capim-santo, folhas de laranjeira e até chá de alho. Todos faziam efeito muito rapidamente. Sinto sua presença sempre que falo de você, minha heroína, você deixou saudades.

A terceira negra de minha vida e deixou marcas que contribuíram para meu crescimento como ser humano foi **Deusarina Monteiro**, minha primeira professora.

Tinha um coração enorme e fazia a diferença na escola onde trabalhava. Sempre envolvia seus alunos nas mais diversas atividades, principalmente aqueles alunos que eram muito tímidos, como era o meu caso.

Nunca segregava ninguém, todos tinham oportunidade em suas aulas. Depois de muitos anos trabalhando na educação, ela continua o mesmo ser humano “ímpar.” Hoje já está aposentada, mas ainda trabalha como secretária escolar.

Raimunda do Socorro S. de Souza

Três grandes mulheres negras de Mazagão

Maria Sebastiana do Espírito Santo, brasileira de origem africana, nasceu na comunidade do Maracá, Município de Mazagão/AP, no dia 15 de maio de 1901. Casou duas vezes, teve 24 filhos, mas só criou 6 filhas: a vida toda foi trabalhar na agricultura – era uma mulher guerreira, gostava muito de dançar, mas sua família estava em primeiro lugar. Faleceu em 10 de agosto de 1978, que foi seu último dia de vida, deixando filhas, netos, bisnetos, todos desolados, já que era uma mulher que tudo fazia para que sua família ficasse bem.

Marta Carolina do Espírito Santo, brasileira, nasceu na comunidade de Rio Preto, município de Mazagão/AP, filha de Sebastiana do Espírito Santo da Silva e de João Felipe da Silva. Casada com Eduardo de Castro, teve 10 filhos. Sua vida foi cuidar dos filhos e do esposo; não teve muita oportunidade de estudar, mas sabe assinar seu nome. Há seis anos ficou viúva e de lá pra cá tudo mudou – aos 70 anos participa de um grupo de dança de Marabaixo. Vai à Escola, participa da Igreja, graças a Deus está bem de saúde; tem sua casa própria, vive de sua aposentadoria

Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos
e da pensão do seu esposo.

Maria Missanta Batista da Silva, brasileira, nasceu na comunidade de Mazagão Velho, em 07/04/44; filha de Maria Ferreira Ramos e de João Batista da Silva, casada com Pedro da Silva Santos, com o qual teve 11 filhos. Em vida desempenhou o cargo de funcionária pública da Prefeitura Municipal de Mazagão – como servente, dedicou anos de sua vida à família e à sua profissão.

Mulher simples, cercada de muitos amigos, faleceu no dia 02/07/10, vítima de um AVC. Deixando filhos e netos desolados, já que era uma mulher que tudo fazia por sua família, criando os filhos com muita dificuldade, pelo fato de ter ficado viúva muito cedo, mas nunca deixou a desejar com a educação dos filhos, cuja maioria é de professores, à exceção de um, que é militar. Honrou seu nome até os últimos dias de vida.

Adecléia do E. Santo Castro

As grandes mulheres negras da História do Brasil

TEREZA DE BENGUELA, UM SÍMBOLO NACIONAL

Talvez você nunca tenha conhecido a trajetória de sequer uma mulher negra na História do Brasil. Mesmo na Escola, as aulas sobre o período da colonização e da escravidão, é provável que você não tenha lido ou ouvido falar sobre nenhum líder quilombola, nem mesmo sobre líderes que foram tão importantes para as grandes comunidades negras.

Essa ausência de conhecimento é um problema profundo no Brasil. Infelizmente, na Escola não temos acesso a nomes como o de **Tereza de Benguela**, por exemplo, que recentemente se tornou símbolo nacional, quando o dia 25 de julho foi oficializado como o Dia de Tereza de Benguela. Ainda assim, há grandes chances de que essa seja a primeira vez em que esse nome lhe salta aos olhos.

Para conhecer as histórias de luta dessas mulheres, é preciso mergulhar em uma pesquisa pessoal, que antes de tudo precisa ser instigada. Mas se as escolas e universidades nem

mesmo mencionam a existência de mulheres negras que concretizaram grandes feitos no Brasil, como a curiosidade das pessoas será despertada?

Na prática, as consequências dessa ignorância são muito graves. Não aprendemos que mulheres negras foram capazes de conquistas admiráveis ou que lutaram bravamente, até mesmo em guerras contra escravidão, e crescemos acreditando na ideia de que mulheres negras nunca fizeram nada de grandioso e nem marcaram o País como outros grupos de pessoas. A tendência de muita gente é associar a bravura a inteligência e a estratégia somente a figuras masculinas, sobretudo aos homens brancos, que são notavelmente mais registrados, memorados e citados em aulas de História.

Com essa falta de referências às mulheres negras, muito racismo continua a ser perpetuado. Mas como podemos reparar os imensos estragos causados por essa omissão? Neste início de ano, como parte de uma tentativa de espalhar informação sobre as histórias de grandes mulheres negras, lancei mais cordéis biográficos que contam suas trajetórias e conquistas. Em sala de aula ou passando de mão em mão, a Literatura de Cordel pode servir como um rico material para que essas histórias sejam repassadas e discutidas.

MORRE CASTORINA, A MAIS FAMOSA “BENZEDEIRA” DO AMAPÁ

Morreu nesta terça-feira (03), no Hospital de Emergência de Macapá, aos 85 anos de idade, **Maria Castorina Ardasse da Silva**. Conhecida como *Dona Castorina*, era a mais respeitada curandeira do Estado. Ficou famosa por oferecer serviços de puxadeira (massagens), de cura para o mau-olhado e de preparo de garrafadas milagrosas, capazes de engravidar qualquer mulher que sofresse de “útero seco” (esterilidade).

Dona Castorina tinha um grande conhecimento da medicina popular e natural da Amazônia. Seus remédios eram indicados para tratar verminoses, gastrites, estresse, tristeza, falta de disposição etc. Se a medicina secular não resolvesse, era só procurar a velha senhora.

Ela atendia clientes de todas as idades e nível social – de senhoras pobres que moram nas áreas alagadas a médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, que não escondiam sua admiração pela curandeira. As pessoas faziam fila na varanda de sua casa de palafita, suspensa quase 1 metro do nível da rua, no Canal do Bairro Jesus de Nazaré, ao lado do Aeroporto de Macapá.

Castorina não escondia o orgulho de seus saberes. Sempre solícita, só exigia das pessoas que lhe procuravam que, ao entrarem em sua casa, deixassem o calçado nas escadas, para que não sujassem o seu piso de madeira, sempre bem encerado, com

uma cera vermelha capaz de refletir a luz do Sol. Seu horário de atendimento era de 2ª a 6ª feira, de 9 às 11h e de 14 às 17h. Passado esse horário, não adiantava insistir. Quem ousasse insistir levava um curto e grosso: “não.” Nem adiantava tentar subornar a velha benzedeira, que era fiel aos seus princípios e regras.

A morte de *Dona Castorina* repercutiu nas redes sociais, em Macapá. Os internautas postaram mensagens de tristeza e recordação desse símbolo da história da medicina popular, que deixou sua marca em todos, no Amapá.

MÃE LUZIA, O PRIMEIRO “DOUTÔ” DA REGIÃO

Descendente da tribo Bantu, **Francisca Luzia da Silva**, na cidade de Macapá, capital do Amapá, em 1854. Com a mãe, aprendeu a “pegar as crianças,” o que significa fazer partos, e por esta arte, era uma mulher muito querida na Região Amazônica.

Por atuar de maneira incansável na comunidade, foi contratada oficialmente pela Prefeitura Municipal de Macapá e recebia uma quantia módica pelos seus serviços. Como assistia a maioria dos partos da cidade, foi reconhecida pela população como “Mãe Luzia”. Para complementar o serviço de parteira, levava e passava a roupa da gente rica.

A casa Mãe Luzia era em barro socado, no Beco do Formigueiro, e era visitada por autoridades estaduais, que a procuravam para

ouvir histórias da Região. Ela recebia os visitantes nos costumes dos seus ancestrais, com os seios expostos e saias rodadas, impecavelmente brancas. Sua imagem era tão forte, que inspirou diversos artistas, que em verso e prosa, cantaram a sua coragem e dedicação. Seu marido, aproveitando esta influência, candidatou-se a vereador e foi o primeiro negro eleito na região.

A Maternidade de Macapá passou a ser chamada de Mãe Luzia, como também a Rede de Parteiras Tradicionais do Amapá. Nesta região, ainda hoje as parteiras são as principais responsáveis pelos nascimentos. Mãe Luzia formou muitas delas, principalmente a 'Vó Juliana, que hoje, aos 96 anos é a sua sucessora.

Mãe Luzia morreu aos 100 anos, no dia 24 de setembro de 1954. Seu velório foi um acontecimento, pois ali estavam tanto o povo quanto as pessoas mais ilustres, homenageando aquela mulher que deu à luz uma cultura e uma cidade.

Telma Rute Franklin da Silva

Meus 3 emblemas de mulher: a parteira, a mãe-solteira e a professora

Meus três emblemas de mulher não são negras, entretanto representam tudo na minha vida. Por isso, inicialmente quero exaltar minha avó, **Dona Nazaré Ferreira Morais**, popularmente conhecida no município do Amapá como “Nazaré Bodó.” Era uma senhora adorável, doce, tinha um enorme coração, onde todos moravam e desfrutavam do amor de uma senhora de baixa estatura; gostava de usar um lenço amarrado na cabeça, recebia suas vistas alegremente com o famoso cafezinho. Minha avó é a mulher que mais foi chamada de mãe, devido ao grande número de partos que fez. É isso mesmo, **Dona Nazaré Bodó** era parteira, benzedeira, fazia massagem em diversas pessoas que tinham músculos doloridos ou a famosa rasgadura. Crianças eram curadas com azeite de Andiroba ou a reza que ela fazia apenas com vassourinha – um capim que dava em seu quintal. Mas no final do século XX veio a falecer com 90 anos, deixando uma lição de vida para todos.

A outra mulher da minha vida é minha mãe, uma senhora de 79 anos, **Dona Raimunda Ferreira Morais**, que com muito sacrifício criou seus filhos, mãe solteira, trabalhando nas cozinhas ou lavando roupa para ajudar na renda da família. Ela fala

que sempre pediu a Nossa Senhora da Conceição para ter saúde e ver os filhos formados e empregados. E havia esquecido de falar: minha mãe é católica praticante, porém basta um conhecido convidá-la para ir a qualquer templo diferente da religião dela, que é presença certa. É uma senhora bastante alegre e gosta de contar histórias para filhos, netos e bisnetos ou qualquer outra pessoa que esteja no momento. As histórias são sobrenaturais: de ter ouvido barulho ou ruído de talvez espécies não humanas, de pessoas que se transformam em diferentes animais, dentre outros. Moral da história – minha mãe fica com medo das histórias narradas por ela e não consegue dormir sozinha.

Concluindo, falando um pouco da melhor irmã que existe nesse Mundo: Professora **Ilka Moraes**, um exemplo de profissional da educação a ser seguido, dedicando mais de trinta anos de sua vida, ensinando crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Mãe dedicada e sempre ajudando a quem precisa, sendo uma verdadeira amiga da comunidade onde mora. É uma pessoa bastante religiosa, praticante da Igreja Católica, sendo madrina de batismo de mais de 100 afilhados.

Rômulo Antônio Moraes

Mulheres-símbolo, que não fogem à luta nem a suas raízes

Minha avó: **Maria de Lurdes**, que hoje já está no Céu, mulher viúva mãe de 4 filhos. Desde cedo me acostumei a olhar minha avó como se ela fosse um padrão de comportamento, dignidade; convivi com ela toda minha infância; sempre me ensinou a compartilhar as coisas com as pessoas e tenho uma grande admiração pela sua natureza guerreira que me encantava.

Você, vovó, sempre será um exemplo e uma inspiração ao longo da minha vida. Você travou duras batalhas, sentiu na pele a necessidade, mas nunca virou o rosto à luta, nunca se lamentou, nunca se deixou ficar no chão em todas as vezes que caiu.

Com seu sangue, suas mãos e sua garra conseguiu criar seus filhos e alguns netos. Gostaria de tê-la no meu lado, mas como Papai do Céu precisou de você, tenho certeza que onde estiver está muito feliz com seus filhos e netos. Para mim o mais difícil agora é tentar honrar sua história, seus feitos. Tenho orgulho ser seu neto e o privilégio de ter recebido seu carinho e amor. Foi uma honra viver sob os seus ensinamentos. Eu sempre te amarei, minha querida guerreira!

Minha mãe: **Audiléia Viana dos Santos**. Falar dessa guerreira é bastante complicado para mim, pois as lágrimas vêm aos meus olhos. Vem um passado de sofrimento, mas ela sempre se

manteve de pé e nunca deixou de dar sempre o melhor para seus filhos.

Mãe de cinco filhos, veio do interior para tentar a sorte na cidade e dar uma educação melhor para seus filhos. Quando chegamos a Santana eu já estava com 9 anos, muito atrasado nos estudos; fomos morar na casa de amigos que cederam um local para ficarmos. Muitas vezes passávamos fome. A nossa vida melhorou mais um pouco quando meu pai conseguiu um emprego de carpinteiro na antiga firma Leal Santos – só sabia assinar seu nome. Conseguimos um terreno onde construímos uma casa de madeira e coberta de palha, mas meu pai queria vender a casa para voltarmos para o interior. Foi quando minha mãe falou para ele: “de lá eu já vim” e não voltou para lá; foi um motivo para separação deles.

Eu estava com 18 anos, tomava conta dos meus irmãos enquanto minha mãe trabalhava de doméstica e à noite ela estudava. Ela fez o teste de seleção da Escola Estadual Augusto Antunes, no mesmo ano que minha irmã fez; passaram as duas e se formaram justas num só ano – um dos momentos mais felizes de nossas vidas. Minha mãe nunca arrumou outro marido: seus filhos e netos são seus maiores tesouros, pois ela não tem pai nem mãe vivos.

Minha professora **Piedade**: mulher guerreira que não foge de suas raízes. Sempre alegre, inteligente, amável e tem um grande orgulho de ser negra e que serve de referência para todos nós que estudamos na UNIFAP.

José Ely Viana Monteiro

Mulheres homônimas e sinônimos de saudade e de obstinação

Maria Luíza, minha avó querida guerreira, sempre lutou por tudo, como fala de uma pessoa tão importante para mim. Às vezes sinto sua falta, minha avozinha; como você faz falta para mim, você sempre me disse as coisas certas a se fazer na vida.

Sempre me senti protegido ao seu lado, grande guerreira, hoje você não está mais aqui. Onde você está, meu amor? Como eu queria te abraçar. Você viu minha filha só na barriga, minha avó guerreira, você não viu sua bisneta nascer, como tanto gostaria. Sinto tanto por isso. Como você foi me deixar aqui, sozinho...

Mas eu sei onde você está. Você está olhando tudo que eu aprendi com você, como me ensinou a dança Marabaixo, quando eu mesmo não queria. Você me dizia que aquilo era nossa raiz e só hoje eu entendo tudo que você queria me mostrar e me ensinar nesse mundo que estamos vivendo cheio de ódio, sem amor, como você me ensinou a amar a Natureza. Você tinha muitas árvores em sua casa de várias espécies e como eu gostava de estar com você; sempre fugia para estar a seu lado. Como sinto sua falta, minha avozinha querida... Sinto muito, professora Piedade, pelas poucas palavras sobre minha

avó. Ela é muito importante para mim. Sinto muito a falta dela, que sempre me viu como um filho, e que hoje infelizmente não está mais entre nós.

Maria Luíza, minha mãe, que eu amo de paixão. Ensinou-me as coisas mais importantes na vida; sempre me disse as coisas corretas. Minha mãe, como eu lhe dei trabalho nessa vida. Seu filho, que hoje lhe dá orgulho por estar em uma Academia, que você sempre sonhou para seus filhos. Você é uma pessoa que estudou depois que todos nós passamos pelo então 2º Grau. Lembrei-me que você só sabia assinar o próprio nome, mas mesmo assim me ajudava nos deveres de casa e eu nunca descobri sua fórmula de fazer aquilo. Eu achava o máximo como você valorizava os estudos, de forma que hoje minha mãe é Técnica de Enfermagem. Sinto-me muito orgulhoso e sou muito grato por ser seu filho.

Às vezes eu me irrito, mas eu me arrependo porque você é mãe moderna, que hoje gosta das redes sociais, como seu *Facebook*, seu *WhatsApp*... Sei que você passou por uma separação muito dolorida, minha mãe, e hoje vendo você trabalhando, ganhando seu dinheiro, vendo em seu rosto como você está feliz me sinto muito orgulhoso, minha mãe. Sou o único filho que mora longe de você e às vezes eu peço muito por você. Tenho que lhe dar mais valor, porque você está aqui, minha mãe, nessa Terra. Sinto-me seguro por isso, por você estar ao meu lado.

Uerlen Alves Marques

Mulheres negras em busca por um lugar ao Sol

Contar a história de três mulheres negras Guerreiras, que apesar de Vítimas de Violências e Preconceitos, tiraram força para lutar enfrentando todas as dificuldades encontradas pelo caminho, e se tornar mulheres incríveis e maravilhosas...

A primeira negra que passou pela minha vida foi **Maria Elídia**, abandonada pelo marido com cinco filhos pequenos para criar. Foi trabalhar de empregada doméstica na casa dos meus pais, cuidava de mim e de meus irmãos. Ficávamos mais com ela do que com meus pais, pois os mesmos trabalhavam o dia todo no comércio que tínhamos.

Batalhadora, cuidava muito bem da gente; éramos cinco crianças. Na sua essência, mulher de duas faces: hora muito brava, daqui a pouco a ternura e a grandeza no seu olhar. Como era fascinante quando nos colocava todos sentados para escutar suas histórias, era como se fizéssemos parte dela.

Rosto sofrido, mulher determinada e guerreira, boa mãe, criou seus

filhos sozinha. Faleceu em 2013, aos 85 anos; seus filhos se tornaram pessoas de bem e com muito orgulho pela mãe que tiveram.

A segunda negra que tenho muito orgulho de falar é minha filha **Nayssa**, que com o tempo foi crescendo, fez-se bela e formosa, está com 13 anos, é a mais negra dos meus quatro filhos amados, e bem como os netos da minha mãe. Ainda não percebeu que sofre discriminação, preconceito, porque há temores por detrás da cortina. Garota ingênua, meiga, carinhosa, obediente com todos da família. Nasceu de uma relação inter-racial, mas tem muito orgulho da cor de sua pele, do seu cabelo. Minha filha querida, és linda por inteiro.

Filha, desde que nasceste tento te proteger do racismo e do preconceito, mas nunca tenha vergonha da tua cor, da tua raça e da tua identidade. Me alegrarei com suas vitórias e chorarei em suas derrotas. Mas você é preta guerreira e conseguirá superar todos os desafios que te ajudarei a vencer.

A terceira negra é uma mulher com espírito aventureiro é **Glória Maria**, a primeira repórter negra da TV brasileira, é uma das apresentadoras mais conhecidas do Brasil. Jornalista que já sofreu muito preconceito por sua cor de pele. A diferença é que as pessoas hoje têm mais cuidado porque ela é uma pessoa pública.

Negra, mãe, primeira repórter negra da televisão brasileira. A primeira a apresentar o Jornal das Sete; a primeira no comando

do “Programa Fantástico,” da Rede Globo de Televisão... Mas teve que enfrentar muitas barreiras e obstáculos para conseguir se destacar, pois para um negro, você tem que provar 100 vezes que você é o melhor. É cansativo, duro, doloroso; se você não tiver uma força extraordinária, não consegue passar por isso. Mas ela veio ao Mundo para lutar pelo seu povo, para que outros se espelhem nela, a mulher guerreira que se tornou.

Diante disso, é importante retratar a vida de mulheres negras, guerreiras que passaram e passam até hoje por situações de racismo, mesmo assim sentem orgulho da sua cor, sua raça e sua identidade. Em meio à diversidade de valores e culturas a que estamos inseridos, faz-se necessário repensarmos nossas ações diante das atitudes de desrespeito com os afrodescendentes, que formam a maioria da população brasileira, sendo historicamente discriminados e desrespeitados em suas raízes e manifestações.

Sirlene Serrão Barros

Simplemente Júlia...

Guerreira, mãe, avó e bisavó. Era assim **Júlia Santos** ou simplesmente *Dona Júlia*. Senhora meiga, gentil, que com sua simplicidade encantava quem a conhecia. Seus traços marcantes carregavam a dor e o sofrimento de muitas adversidades impostas pela vida.

Como era gostoso chegar pela manhã e vê-la, com um lenço na cabeça, sorriso largo, vestindo um avental com bolso na frente, já aguardando um biscoito, um bombom, uma fruta e até mesmo ovos. Sim, ovos, e ah se houvesse recusa... Às vezes ao chegar à sua casa, lá estava dona Júlia em sua cadeira sentada, contando histórias, revivendo lembranças da Júlia criança, daquele lugar de lá do Pará. Com muitas saudades, falava baixinho, um dia quem sabe ainda penso em voltar.

Abaeté, cidade querida daquela mulher. Mas o tempo passou para dona Júlia, senhora aguerrida, muito querida aqui no Amapá. É, mas o tempo não deu tempo para aquela senhora que veio de longe para o Amapá, reconstruir sua vida, que foi muitos sofrida. Numa tarde sombria com muito pesar, *Dona Júlia guerreira* veio a desencarnar, deixando saudades àqueles que um dia souberam amar.

Joana Pessoa

Venina¹ Senhora Menina

Tia Venina, senhora menina,
que tanto fascina.
Muito me ensina,
quase uma heroína.

Ao som do tambor
sua voz ecoava.
Naquele momento
eu apenas chorava.

De saia rodada
Venina dançava.
Senhora brejeira,
Venina faceira.

Com perfil de bravura
Com rara conduta.
De pele escura
e com muita cultura.

Transmite o que sabe
com sabedoria,
para aquela cultura
não morrer.

Rosa branca açucena...
Mandava cantar.
A tia Venina
chegou para ensinar.

Tia Venina no céu
olhando pra baixo,
a todos inspira
a dançar o Marabaixo...

Joana Pessoa

¹Venina Francisca da Trindade, ou Tia Veca, nascida no dia 17 de dezembro de 1923 e falecida no dia 03 de julho de 1998 com 74 anos de idade. Mulher negra, forte, de fibra, resistência incomum. Era uma mulher que sabia como conquistar amizade. De uma voz sem par, tinha o dom do improvisado, das rimas dos "ladrões" de Marabaixo. Postado por: João Ataíde, trecho do texto de Jorge Alberto (Neto de dona Venina), Fonte: Alforria Amapá, <https://alforriaamapa.blogspot.com/2017/05/venina-francisca-da-trindade-ou-tia-veca.html>.

Acesso em: 11/12/2019.

Doralina, Pura Melanina

“Irei até aonde o ar termina, irei até onde a grande ventania se solta. Irei até onde o vácuo faz uma curva, irei até onde o meu fôlego me levar”

Clarisse Lispector

Esse trecho de poema, começo a falar de ti, minha amada irmã, Dora Doralina. Uma mulher sem medo de enfrentar desafio, pronta para alçar novos voos, sempre que for necessário. O que dizer de ti, que traduz a mais pura essência e que resplandece o mais sublime amor materno para todos os seus. És mãe, amiga, irmã, pai, e que muitas vezes sofre por amar demais. Falar de ti me traz a certeza da facilidade e da singeleza de falar de quem amamos. Principalmente quando esse alguém nos remete a sentimentos de facilidade e cumplicidade. Te admiro muito, pelas pequenas coisas e pelas grandes... Te admiro pela garra com que tu abraças a vida, com que desempenhas teu trabalho e pelo amor com que te fazes mãe, e hoje avó. Te admiro pelas palavras doces que ecoam de teus lábios e que entregas de graça, pelo carinho que tens com todos a tua volta. Te agradeço pela amizade, pela fidelidade, por todo o teu amor. Te agradeço por meus sobrinhos e por me deixar amar esse lindo menino, que embora meu ventre não tenha sido capaz de gerar, mas o meu coração é capaz de amar. Dona de uma beleza singular, que outrora me fazia sonhar em te ver na tela da tevê, como a primeira globeleza do nosso Amapá. Mulher admirável, sensível e dona de coração enorme, capaz de se doar pelo próximo. Te admiro, minha irmã, és exemplo de garra, força e determinação. Te admiro, mais ainda, pela tua melanina, com muito orgulho e autoestima, te faz ser Doralina!

Joana Pessoa



Mulheres Negras:
únicas, plurais e
irretocavelmente
Negras



Capítulo 3



Izabel Maria Lino do Espírito Santo

IZABEL MARIA LINO DO ESPÍRITO SANTO, conhecida popularmente (tia Zefa do Joaquim Grande). Mulher negra de família humilde, nasceu na tamatativa região do Matapi - Macapá/AP, no dia 8 de dezembro de 1936, filha de Joaquim Lino do Espírito Santo (Joaquim Grande) e Izabel Maria Coimbra Picanço, sendo a 8ª de 10 irmãos; teve oito filhos biológicos, três faleceram quando bebês, criou mais de 20 filhos adotivos. Com a perda de sua mãe, começou a trabalhar na roça aos seus sete anos de idade. Aos onze começou a usar ervas para cura de pessoas no alívio de dores, febre e outros males; aos 23 anos iniciou seu trabalho de parteira. Com 28 anos veio a Cidade para dar aos seus filhos o que não teve, a oportunidade de estudar. Ficou conhecida por seu dom de cura, benzendo crianças, fazendo garrafadas e outros, aos seus 81 anos continua morando na Av. Piauí, n.110, Bairro: Pacoval.

Antônia Maria Lino do Espírito Santo

Filha da homenageada



Delcirene Videira

Sou mulher negra, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (Unifap) na modalidade PARFOR. Atuo como professora de Educação Infantil, na escola Vó Olga, comunidade de Mazagão Velho. Efetiva do quadro da Prefeitura de Mazagão /AP. Sou filha de José Batista da Silva e Maria da Conceição Videira; tenho 43 anos e três filhos.

Minha identidade de mulher negra foi revelada aos 40 anos, no ingresso da Graduação. As leituras foram me proporcionando conhecimentos e me tornando uma pessoa melhor, tanto na minha prática educativa, quanto no meu jeito de ser. Aprendi a me empoderar diante de algumas situações preconceituosas e até mesmo de casos racistas.

Minha luta como professora e mulher negra é fazer com que os pequenos da Educação Infantil aprendam desde pequenos a gostarem de si. Que aprendam a valorizar sua cor, conhecendo desde então nossa história dos nossos antepassados e nossa condição de negros neste País.



Madalena da Silva Souza

MADALENA DA SILVA SOUZA conquistou o título de Miss Amapá aos 18 anos de idade, no primeiro concurso de beleza ocorrido no então Território Federal; concorrendo com oito candidatas. O concurso foi na casa do Sr. Julião Tomás Ramos, hoje Barracão da tia Biló.

No ano seguinte ela casava com Raimundo dos Santos Souza, o Sacaca, referência laguinhense e conhecido no Mundo todo pelas suas aptidões com plantas medicinais. Hoje viúva, Dona Madalena ainda é ativa, dividindo as responsabilidades de dona de casa com participações em movimentos religiosos, sociais e culturais.

O casal teve dez filhos. Logo após o casamento, Madalena perdeu a mãe e passou a ter na sogra, Joaquina Emiliana, a segunda genitora, quem inclusive aparou ou fez o parto de oito filhos da nora, cuidando de tudo durante a quarentena. Sacaca e Madalena ainda adotaram cinco crianças, hoje todas adultas e bem encaminhadas na vida.

Dona Madalena nasceu em 16 de abril de 1932, no Retiro situado no Km. 12 - BR156, próximo à Ilha Redonda. Filha de Maria Ramos e Marinho Gregório do Amaral, ainda criança Madalena foi com a família para Santo Antônio da Pedreira. Depois, todos se mudaram

para a então vila de São José de Macapá, onde logo começou a ser alfabetizada pela professora Izabel Araújo. Para pagar os estudos Madalena ajudava a mãe, lavando e passando roupas. Na época não existiam escolas públicas. Somente mais tarde é que ingressou num educandário do governo territorial, a Escola Barão do Rio Branco. Só concluiu o curso secundário depois de casada, através do Curso João da Silva, transmitido por emissora de televisão.

Madalena aprendeu com a mãe o ofício de costureira; fez cursos de bordadeira e de cerâmica na hoje extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA). Com a transferência dos moradores do centro velho de Macapá, dona Madalena mudou-se para o então recém criado bairro do Laguinho, onde foi morar na casa de seu irmão Francisco, hoje bar do Tio Duca. Ela sempre foi envolvida com as questões culturais e religiosas da comunidade. Madalena é sóciofundadora da Assap, a Associação dos Idosos do Amapá, a primeira entidade de idosos do estado; participa do Apostolado da Oração da Igreja São Benedito, desde sua fundação. Em sua residência, sempre recebeu de braços abertos os movimentos culturais, como nos anos 1970 e 1980, quando abrigava a quadrilha junina do famoso marcador “Psiu”.

A residência de dona Madalena também já foi sede da Escola de Samba Piratas Estilizados. Ela é sócia fundadora do Grupo Cultural Infantil Marabaixo do Arthur Sacaca e Marabaixo da Juventude.

Como Sacaca era o Rei Momo, dona Madalena o acompanhava em suas agendas, sendo a costureira de todas as fantasias do marido carnavalesco. Madalena conhece todos os Estados do Brasil e alguns países da América do Sul.

A primeira Miss Amapá, hoje aos 86 anos de idade, continua sendo uma mulher lúcida, ativa, ativa e social, sendo uma das referências do bairro do Laguinho, um dos primeiros berços da cidade de Macapá. Hoje vive em sua residência e administra a casa da família com muita energia, dividindo essa responsabilidade com a sua participação em movimentos religiosos, sociais e culturais.



José Raimundo da S. Souza

(filho da entrevistada)



Foto: Joaquim Morgado

Joaquina Araújo

Nascida no Quilombo do Curiaú, em 18 de julho de 1964. Embora graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá/UNIFAP em 2001, passou 25 anos de sua vida trabalhando para o Governo Federal como Escrivã de Polícia em Macapá. A partir de 2016, após se aposentar, iniciou seus estudos em Fotografia, sua paixão como arte, em Macapá, Belo Horizonte e São Paulo, no Brasil; Faro e Lisboa, em Portugal; e onde haja oportunidade de aprender. Vive atualmente ora em Macapá, ora em qualquer lugar para onde o “vento a levar,” nesse encontro com a diversidade humana e de contínua aprendizagem. Tem um foco principal na fotografia, que é a Mulher, assunto principal de sua arte. A arte de enxergar a beleza intrínseca da história e do cotidiano dessa mulher: o fazer-se Mulher, o ser Mulher no seu trajeto, na sua luta.



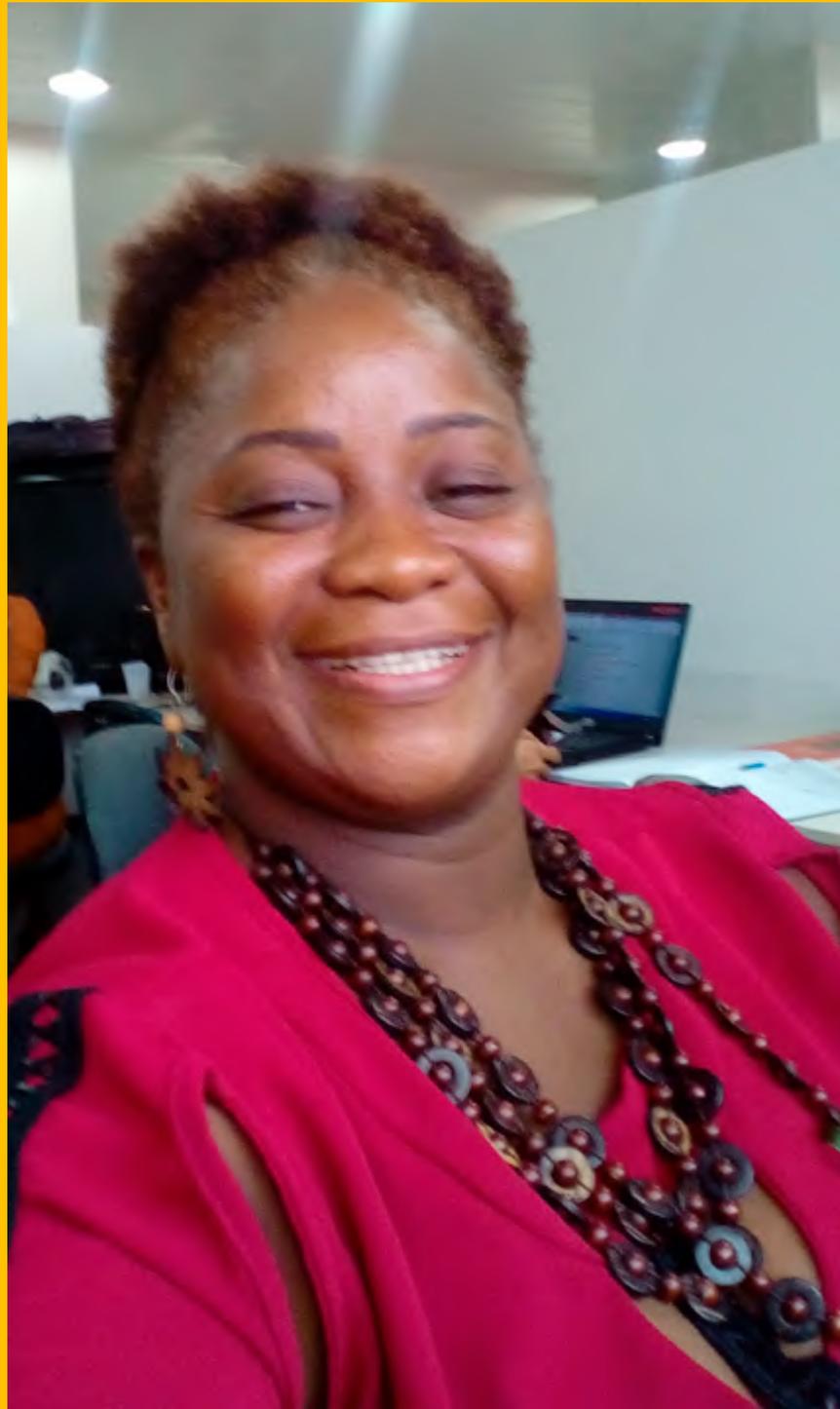
Nelma Nunes da Silva

Mulher Negra Que Resiste !!!

Eu, mulher, negra, nortista, que resiste contra toda forma de discriminação e preconceito, que tenta buscar desvendar as tramas que envolvem o enfrentamento ao racismo em suas diversas faces, bem como compreender os avanços e retrocessos observados em relação às políticas de atenção à saúde da população negra brasileira, com alcance para a saúde mental. Resisto por mim e por outras meninas e mulheres negras, invisibilizadas e emudecidas por tantas injustiças, que precisam de empoderamento para protagonizar uma nova história de valorização, reduzindo os danos que o racismo nos impõe.

Breve Currículo

Graduada em Fisioterapia, Especialista em Saúde Coletiva. Mestre em Ciência da Motricidade Humana (UCB-RJ) e Doutora em Cuidado em Saúde (Escola de Enfermagem da USP - EEUSP). Professora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), do Curso de Fisioterapia. Atua nas áreas de Saúde Coletiva e Saúde da População Negra.



Laura Cristina da Silva

Me chamo LAURA CRISTINA DA SILVA, filha de Maria da Conceição da Silva e José Cardoso Neto, sou graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Docência do Ensino Superior. Atualmente integro a Secretaria de Educação do Município-SEMED, como Gerente de Programa, coordenando o Programa para as Relações Étnico-Raciais e no Núcleo Proinso - (Programa de Extensão Universitária na Área de Pedagogia). Professora da disciplina Estudos Amazônicos e História do Amapá, residente no bairro do Laguinho-este considerado uns dos bairros Negros do Estado do Amapá. Adotei o nome artístico Laura do Marabaixo, devido ao meu trabalho direcionado às manifestações culturais do nosso Estado, em especial ao Marabaixo e Batuque, onde se deu início as minhas contribuições, fazendo parte do projeto da Cia. de Dança Afro Baraká, no ano 2000 (sou Cantadeira, Compositora, Percussionista e Dançadeira, além de Contadora de História), onde eu construí a minha identidade como Mulher Negra na sociedade. Sou Vice-Presidente da Associação Cultural Raimundo Ladislau, a qual é uma das Associações que realiza o ciclo do Marabaixo do Laguinho, Festejo este em honra ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade. Sou coordenadora do Movimento Cultural

Ancestrais (Grupo de Marabaixo), que realiza o Projeto Marabaixo e Batuque no fazer Pedagógico do qual sou idealizadora.

Sobre minha condição de mulher negra. . . Nasci negra, porém me tornei essa mulher negra conhecedora de meus direitos e deveres, pela minha vivência nos movimentos. Meu primeiro contato e onde comecei a beber nessa fonte na verdade, foi ouvindo os conselhos de minha'vó Benedita Guilherma Ramos (tia Biló). Minhas raízes vêm de uma família negra na qual tive minhas referências, meu porto seguro. Essa mulher negra, minha avó que com grande sabedoria teve o cuidado de me lapidar, com seus ensinamentos a quem devo tudo o que sei, direcionado a nossa cultura local, sempre por ela, incentivada a estudar e não desistir, diante dos preconceitos com os quais me deparei no espaço escolar, onde a princípio nunca imaginei ser um espaço de inclusão e exclusão. Foi aí então que fui entender cada conselho a mim dado por ela, em relação as possíveis barreiras com as quais iria me deparar. Confesso que às vezes a vontade era desistir, mas suas palavras de incentivo vinham em minha lembrança: sempre deixou bem claro que o sonho dela era me ver professora, e para honrar e agradecer a todos os conselhos e ensinamentos, reforçados por amigos/as, em especial a Doutora Piedade Videira, hoje sou pedagoga. Foi uma batalha árdua, porém de muita valia.

Nascer, se tornar e ser uma mulher negra na sociedade

brasileira, em especial na amapaense não é fácil. Vivemos em uma sociedade que tenta nos invisibilizar, tirando o direito de sermos protagonistas de nossa própria história e me certifico disso a cada dia. Essa mesma sociedade tenta nos intimidar com ataques racistas, disfarçados de cordialidade, que agridem a autoestima, e para estarmos preparados para estes desafios é preciso ir em busca do empoderamento, formação, sem medo de dizer quem somos, para que viemos e para onde vamos. Dar nome e sobrenome a nós mulheres negras, pois até isso nos é negado, buscando mecanismos por meio da educação, em construção com os movimentos sociais, com toda certeza garante um patamar de qualidade a todas. Precisamos ser *ubuntu* sempre.



Mery Lúcia da Costa Amaral

Me chamo MERY LÚCIA DA COSTA AMARAL, Filha de Clarice Ramos da Costa e Laudomiro Raimundo Amaral; sou graduada em Educação Física e Pós-graduada em Educação Física escolar. Atualmente integro o Núcleo Proinso (Programa de Extensão Universitária na Área de Pedagogia), como Professora da disciplina Recreação e Jogos, para discentes do Curso de Pedagogia. Sou Afroamapaense, residente no bairro do Laguinho-este considerado uns dos bairros Negros do Estado do Amapá. Adotei o nome artístico Mery Baraká, ao ingressar na Cia de Dança Afro Baraká, no ano 2000 (sou Dançadeira Popular-afro Contemporâneo e Coreógrafa), onde eu construí a minha identidade como Mulher Negra na sociedade. Faço parte do Grupo Cultural Ancestrais, como dançadeira de Marabaixo.

Sobre minha condição de mulher negra. . . Embora sendo de uma família negra, eu não tinha referências e muito menos em quem me espelhar esteticamente. Fui vítima dos mais diversos tipos de preconceitos e discriminações, principalmente se tratando do âmbito escolar. Eu não aprendi a ser Negra em casa, tampouco na Escola, minha formação identitária/étnico-racial foi dentro da Cia. de Dança afro Baraká, idealizada pela doutora Piedade Videira. Não é fácil para o/a Negra/o construir uma identidade em uma sociedade que padece com racismo e mito da falsa democracia racial. Acredito que o nosso autorreconhecimento como Negras e Negros se constrói no contato com outro, na coletividade, na troca e principalmente no diálogo. Isso se fez possível por meio da militância cultural.



Baiana Do Acarajé

Ana Gleide de Jesus Santos veio ao mundo no dia 27 de julho de 1974, em feira de Santana/Bahia. Foi batizada com o nome de Ana Gleide, mas devido a atividade laboral de natureza gastronômica, há vinte dois anos resolveu adotar o nome sociocultural/racial de *Baiana do Acarajé*.

Para buscar e encontrar seu caminho e lugar no Mundo, precisou constituir-se socio-racialmente como Mulher Negra, mãe/pai de dois filhos – Gleidson Santos Nascimento e Ana Gleicy Santos de Oliveira –, sendo esta última, pessoa com deficiências múltiplas.

No sentido de sustentar a família, vive, trabalha e luta diariamente como microempreendedora individual (MEI) no Estado do Amapá, usando de seu conhecimento sobre gastronomia cultural afro-baiana, que aprendeu com seu ex-marido, já falecido.

A propósito do engajamento de *Baiana do Acarajé* em sua luta pela vida, ela costuma fazer o seguinte depoimento: “Aprender a cozinhar, isso foi até simples, porque dependia de mim. Agora, o que considero difícil é encarar, lutar, resistir e eliminar o racismo e o preconceito, para que todas/os possam ter as mesmas oportunidades e direito de viver e sonhar com uma sociedade melhor.”

Piedade Lino Videira

Dra. em Educação Brasileira, Docente da UNIFAP
no Curso de Pedagogia e no Mestrado em Educação/PPGED



Tia Rossilda Joaquina

Rossilda Joaquina da Silva (83 anos), é natural da Comunidade do Cria-ú, filha de Cecílio Alclides da Silva e Venina Antônia da Silva. Aposentada, viúva, mãe de 13 filhos, é mulher negra quilombola, devota do glorioso São Joaquim, dançadeira de Batuque e Marabaixo. Na comunidade do Cria-ú desenvolve as funções de parteira, benzedeira, puxadeira e erveira.

Tia Rossilda, como é conhecida pelas pessoas da comunidade, é a benzedeira mais antiga e em pleno exercício no Cria-ú, sendo muito respeitada e procurada para tratamentos físicos e espirituais, por pessoas de dentro e de fora da localidade. Além disso, como parteira tradicional, atende a gestantes que a procuram, no parto e pós-parto, sendo responsável por “pegar” muitas crianças [expressão regional que denomina o ato de fazer partos], muitas das quais hoje são jovens e até mesmo adultos da comunidade.

Mulher muito hospitaleira e ativa, tia Rossilda mora na Rua Santo Antônio, na comunidade do Cria-ú de Dentro, onde costuma promover confraternizações familiares e também receber pessoas amigas, conhecidas e moradores do local que procuram por benzeções, massagens, receita de remédios naturais. Em sua casa, residem filhos e netos que com ela dividem os serviços domésticos, dentre os quais a limpeza do belo e espaçoso quintal, onde cria patos, galinhas e cultiva as plantas medicinais utilizadas no seu dia a dia e nos rituais religiosos.

Moisés de Jesus Prazeres dos S. Bezerra

Prof. de Ensino Religioso, na EE José Bonifácio / Quilombo do Cria-ú



Foto: Cássio Bruno

Maria Cristina do

Rosário Almeida

Sou amapaense, filha de Luíza do Rosário Almeida e Lourenço Tavares. Graduada em Administração de Empresas; em 1989 ingressou no quadro da Polícia Militar do Amapá, na primeira turma de policiais femininas; e desde 1992 é funcionária efetiva da Assembleia Legislativa do Amapá.

Foi nomeada Secretária Estadual da Indústria e Comércio (SEICOM), no segundo mandato do então governador João Alberto R. Capiberibe. Em 2003 assumiu a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo (SEMAT) e no mesmo ano, a Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/AP).

Remanescente de quilombolas e agricultores, Cristina iniciou a reforma agrária como modalidade de concretização dos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais.

Primeira mulher negra eleita vereadora de Macapá, no ano de 2008 e deputada estadual em 2010.

No ano de 2012 assumiu a pasta da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR). Retorna ao parlamento em abril de 2014, sendo reeleita em 2014.

Criou o Projeto Gabinete Itinerante, que percorre os 16 municípios do Estado e várias comunidades, no qual garante a participação direta do povo no parlamento.

Atualmente, Cristina Almeida está em seu segundo mandato como deputada estadual do Amapá; é vice-presidente do Partido Socialista Brasileiro do Estado do Amapá (PSB/AP); secretária executiva da Negritude Socialista Brasileiro (NSB - Nacional); membro das comissões de Educação, Relações Exteriores, Direitos Humanos; presidente da Comissão de Agricultura e Abastecimento da Assembleia Legislativa do Estado do Amapá; e secretária da Comissão de Direitos Humanos do Parlamento Amazônico.

“A presença das mulheres negras no parlamento preenche de forma parcial a lacuna da democracia representativa, pois me desdobra para pautar de forma contínua a demanda histórica da sociedade civil organizada.

O Racismo no parlamento impede a aprovação de proposições que podem ser transformadas em políticas públicas, e contribuiriam para a eliminação do segregacionismo. Nosso maior desafio

Mulheres Negras: fortalezas tecidas de d

é aprofundar o debate sobre políticas de ações afirmativas e garantir orçamento para viabilizar as nossas demandas quilombolas e afro-religiosas.

Tenho orgulho e respeito ao povo que me concedeu a oportunidade de ser a primeira mulher negra eleita como vereadora na Capital Macapá e deputada estadual do Amapá. Precisamos de mais negros e negras no poder!

Sábado, 14 de julho de 2018

Em reunião com movimentos de mulheres negras.





Foto: Paulo Rocha



Foto: Andriny Videira

"Eu não fumo só"

(por **Maria da Conceição Lino Videira**)

Valho-me de uma expressão recorrente na fala de minha Mãe, **Maria da Conceição**, para homenageá-la nestas linhas que deixam rastro, como a fumaça que sai do seu cachimbo...

Revisitando minhas memórias desde a infância, não me recordo de ter visto mamãe sem o cachimbo na boca ao lavar, quarar e passar roupas. Nem quando ela cuidava de comida e também no momento que repousava para espairecer, sem precisar dormir; apenas se aquietava para desanuviar seus pensamentos mais contidos e indizíveis, sempre às voltas com seu companheiro silencioso e toda a vida disponível – o cachimbo.

Minha Mãe, sempre foi uma pessoa “trancada” e ensimesmada. Indaguei-a por várias vezes sobre sua infância, adolescência, idade adulta... Sobre a idade em que ela começou a namorar, fumar, enfim, tentei por tantas vezes receber alguma palavra mais “rica de conteúdo,” que fosse capaz de revelar o que a olhos vistos, não se explicita e jamais fôra dito. Mas, até o presente momento, as respostas não brotaram. Mesmo diante de tantas investidas da minha parte e de minha irmã, profa. Socorro Lino.

Então, eu sigo buscando, indagando sobre o que observo, percebo, sinto e consigo sorver de minha Mãe. E com o passar do tempo pude ter uma certeza, a mamãe se guarda e sempre

se guardou. Ela parece que construiu um “casulo” e ao longo dos seus 78 anos, ficou se protegendo dentro dele, sem sabermos do quê! Por isso, no momento que ela fuma seu cachimbo, parece que é outro estar no Mundo, aliás, ela parece se transmutar para outras dimensões... Seu corpo fica translúcido, envolto pela aura provocada pela abundante fumaça branca que exala de suas cachimbadas.

Eita!

É possível conceber mentalmente inúmeras imagens, a cada nova feição do dia que ela fuma e se (re)liga ao universo transcendente e, por isso, inacessível a todas as pessoas. Assim o é, a sensação visual que consigo apreender das cenas cotidianas nas quais minha Mãe se apresenta translúcida, plural e, novamente, única.

A plasticidade de seu corpo negro, de estatura baixa e, ao mesmo tempo, forte e rijo, confere a ela uma identidade, ou melhor, múltiplas identidades... uma delas misteriosa, desconfiada e arredia, que tudo observa, analisa e pouco diz.

Concita, Mulher Negra, dona de casa e ex-lavadeira, nasceu em Macapá/AP, no dia 11 de dezembro de 1941, sendo única filha mulher de uma prole de três filhos, dos quais Marcos Lino do Espírito Santo e Antônio Lino do Espírito Santo já são falecidos. Cresceu sem conhecer a mãe, Emília Lina do Espírito Santo, por tê-la perdido aos dois anos de idade. Com o falecimento da

minha avó materna, mamãe foi criada, amada e protegida pelo pai, Theodoro Lino do Espírito Santo, e acarinhada pela mãe de leite e irmã do vovô, Tia Joaquina, bem como por suas filhas Maria Lina e Zefinha (falecidas), Clotilde, Dicadá e Clementina, minhas primas mais velhas que eu considerava como tias.

Cada vez que vejo *Dona Conce* fumando, fico divagando se ela estaria a (re)lembrar de suas vivências desde a meninice, molequice e maturidade. Parece-me que ela se transporta para reviver suas lembranças. Por isso, quero crer que, quando advertida por mim, sobre os males que o fumo provoca no corpo humano, mamãe lança mão da eficiente desculpa incontestável: **“O FUMO NÃO ME FAZ MAL, PORQUE EU NÃO FUMO SÓ.”**

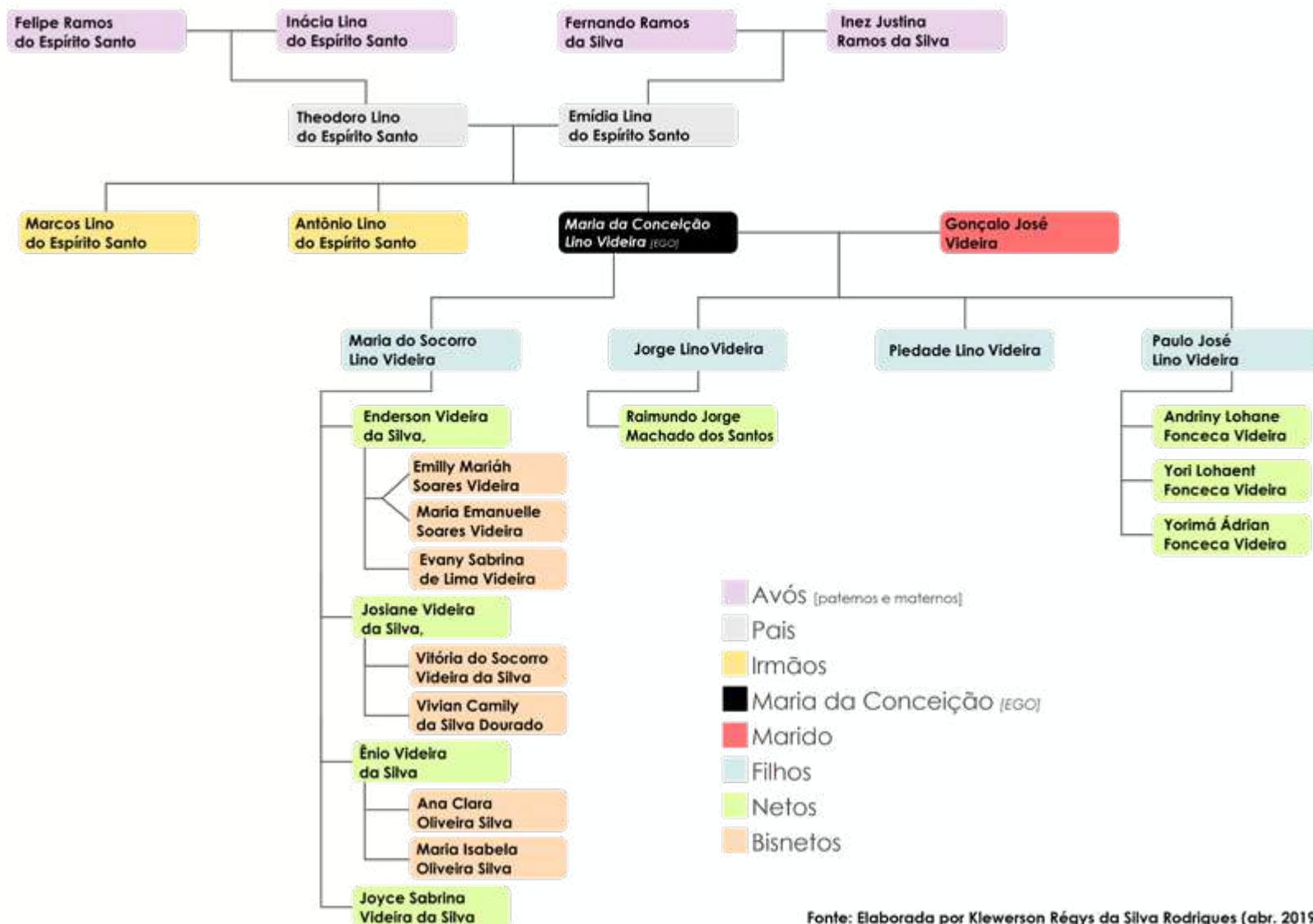
Diante de tal justificativa o que posso dizer, pensar ou contraargumentar? Nada! Eu já entendi. Mamãe tem um jeito seu de entrar em contato com o mundo espiritual – seu cachimbo é o portal que lhe permite essa (re)conexão. A nós, filhos e familiares, cabe o cuidado permanente para que ela viva bem, com dignidade e a cada dia melhor, com seu companheiro de todas as horas – seu velho cachimbo.

Mãe, nós, seus ascendentes e descendentes, pedimos às Forças Espirituais que a nossa família seja sempre agraciada com a oportunidade de, todos os dias, contemplar sua beleza de anciã negra e matriarca da Família Lino do Espírito Santo Videira, com as bênçãos de nossos Ancestrais.

Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos

Por fim, apresento a árvore genealógica de Maria da Conceição Lino Videira, matriarca de nossa constelação familiar.

Árvore Genealógica da Sra. Maria da Conceição Lino Videira



Mãe, que Olorúm nos permita propagar seu nome ao longo das gerações atuais e futuras da linda constelação familiar que a senhora semeou e está vendo florescer.

Assim seja!

Amém!

Axé!

Saravá!

Piedade Lino Videira

Dra. em Educação Brasileira, Docente da UNIFAP
no Curso de Pedagogia e no Mestrado em Educação/PPGED

*** Nota das revisoras:**

Embora situado no rol de biografias e autobiografias que integram esta seção do livro, a matéria ora expressa torna-se peculiar pelo fato de a autora, por opção narrativa, ter elaborado um texto de reminiscências sobre o modo de ser de sua mãe, no qual tomou parte, mesclando-se à homenageada.



Sobre a equipe de produção da obra

Piedade Lino Videira

Organização e Revisão de Língua Portuguesa / ABNT

Sou Mulher Negra, dançadeira de Batuque e Marabaixo, idealizadora da Companhia de Dança Afro Baraka (fundada em 30 de agosto de 2000). Graduada em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Psicopedagoga, pela Faculdade de Macapá (FAMA). Mestre e Doutora em Educação Brasileira, pelo Programa de Pós-graduação *stricto sensu* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Eixo Temático de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Linha teórica: Sociopoética, Cultura e Relações Étnico-Raciais. Professora Adjunta/UNIFAP, lotada no Curso de Pedagogia. Integro o Corpo Docente do Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP). Líder do Grupo de



Foto: Philippe Gomes

Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico-Raciais, com ênfase em Educação Quilombola, certificado pelo CNPq. Atuo nas áreas de: Arte/Educação; Educação, Cultura e Identidade Étnica; Relações Étnico-Raciais com ênfase em Educação Quilombola. Estou Coordenadora Geral do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - NEAB/UNIFAP. Sou autora dos livros: Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009, bem como de Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: Edições UFC, 2012. Sou membro da Academia Amapaense de Letras do Estado do Amapá (AAL/AP).



Norma-Íracema de Barros Ferreira

Organização e Revisão de Língua Portuguesa / ABNT

Doutora em Educação Escolar - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / UNESP. Mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ). Graduada em Psicologia e em História - Universidade Federal do Pará/UFPA. Professora Associado IV - UNIFAP, vinculada ao Curso de Graduação em Pedagogia. Atuou como docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional/UNIFAP e atualmente



é membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIFAP. É autora e coautora de artigos científicos e organizadora de livros acadêmicos que tratam sobre educação. Desenvolve estudos e pesquisas sobre História da Educação, privatismo da educação pública, políticas públicas e gestão educacional. Coordena o Grupo de Pesquisa História, Política e Gestão Educacional (HPGEd).

Kátia de Nazaré Santos Fonsêca

Organização e Revisão de Língua Portuguesa / ABNT

Possui Licenciatura Plena em Pedagogia, pela União das Escolas Superiores do Pará (1990), e também é Graduada em Serviço Social, pela Universidade Federal do Pará (1991). É membro do corpo docente da Universidade Federal do Amapá desde 1994, onde ministra as disciplinas Política e Legislação Educacional Brasileira; Estrutura e Funcionamento da Educação Básica; Estrutura e Funcionamento da Educação Básica e Superior; e Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio. A ênfase de sua atuação profissional está localizada nas áreas de Políticas Públicas para a Educação, Legislação Educacional, Formação de Professores, Planejamento Educacional e Avaliação da Educação Superior. Atualmente cursa Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Amapá. Integra o Grupo de Pesquisa História, Política e Gestão Educacional (HPGEd).



Alzira Nogueira da Silva

Elaboração do Prólogo

Alzira Nogueira da Silva é assistente social, formada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental (NAEA/UFGA). Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como bolsista da primeira turma do Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford. Servidora do Ministério Público do Estado do Amapá (MPAP), com longa trajetória de militância do movimento de mulheres negras. É uma das fundadoras do Instituto Negra do Ceará (INEGRA) e tem sua trajetória intelectual/acadêmica/política marcada pela luta contra o racismo e o sexismo.



Joselina da Silva

Elaboração do Prefácio

Possui doutorado (2005) em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi aluna do curso intensivo Interrogating the African Diáspora - Flórida International University (2004). É uma das redatoras dos verbetes relacionados à raça, ao racismo e ao movimento negro, na Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe (2006). Coordena o N'BLAC (Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais), certificado pelo CNPQ. Foi Bolsista de Produtividade em Pesquisa (BPI) - pela FUNCAP. É professora associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pós-doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP). Atua principalmente nos seguintes temas: relações raciais, mulheres negras, violência contra a mulher, movimento social negro e anti-racismo.



Afrane Ferreira Távora,

Ilustração de Capa

Bacharel/licenciado em História-Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Artista plástico e ilustrador. Iniciou sua carreira artística como voluntário na Biblioteca Pública Estadual Elci Lacerda, onde foi convidado para representar o Brasil na Guiana Francesa, no evento *Dia Brasil*. Possui diversos trabalhos publicados em sua área de formação.



Klewerson Régys da Silva Rodrigues

Design de Capa e Editoração Gráfica:

Especialista em *Design*, Computação Gráfica e Multimídia - Instituto de Educação Superior da Amazônia/2013. Graduado em Tecnologia em *Design Gráfico* - Faculdade Ipiranga/2012.

Servidor efetivo da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), exercendo o cargo de Analista em *Design*. Integra a Comissão Própria de Avaliação, na qual é Editor Gráfico. Exerce a função de *Designer* e Editor Gráfico no intitulado Projeto Tenda educativa de jogos: brincar e aprender com

a luz. Membro dos Grupos de Pesquisa Ludicidade, Inclusão e Saúde (LIS), bem como do Amazônia, *Design* e Inovação no Amapá (ALDEIA).



Foto: Guido Santos





Ilustração de Capa

